



Universidade Federal do Ceará
Instituto de Cultura e Arte
Curso de Jornalismo

Mar Cresceu: um olhar fotográfico da Banda ARS

Saulo Roberto Nogueira de Oliveira

Fortaleza
2018

SAULO ROBERTO NOGUEIRA DE OLIVEIRA

Mar Cresceu: um olhar fotográfico da Banda ARS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, sob a orientação do Prof. José Riverson Araújo Cysne Rios.

Fortaleza
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O51r Oliveira, Saulo Roberto Nogueira de.

Relatório : Mar Cresceu: um olhar fotográfico da Banda ARS / Saulo Roberto Nogueira de Oliveira. – 2018. 44 f. : il. color. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2018. Orientação: Prof. Dr. José Riverson Araújo Cysne Rios. 1. Fotojornalismo. 2. Rock. 3. Surf. I. Título. CDD 070.4

SAULO ROBERTO NOGUEIRA DE OLIVEIRA

Mar Cresceu: um olhar fotográfico da Banda ARS

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi submetida ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho deste Trabalho de Conclusão de Curso é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora:

Prof. Ph.D. José Riverson Araújo Cysne Rios (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Me. Fernando Luis Maia da Cunha
Universidade Federal do Ceará

Prof. Ms. Raimundo Nonato de Lima
Universidade Federal do Ceará

DEDICATÓRIA

À minha família e a Deus.

AGRADECIMENTOS

Lembro-me que ao ingressar na universidade tão pronto, com apenas 18 anos, senti medo. Mudanças nunca foram fáceis. Sair do ensino médio para o ensino superior significava, para mim, não só uma conquista, mas também um novo desafio. Agora essa etapa está para terminar. E não teria chegado aonde cheguei se não fossem as pessoas que estiveram ao meu lado durante todo esse tempo.

Aproveito para agradecer aqui à minha família, que sempre me deu todo o suporte possível, independentemente da situação. À minha amada, Barbara, por todos os conselhos, palavras de conforto e apoio incondicional nesse momento. Às minhas amizades, principalmente aquelas que fiz na Universidade. Aos companheiros profissionais que fiz no Diário do Nordeste e que tanto contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Riverson Rios, por aceitar caminhar ao meu lado nesse projeto e aos professores examinadores Fernando Maia e Nonato Lima por aceitarem o meu convite.

Grato também à Banda ARS, por me permitir mergulhar no mar deles e apresentar ao público história de quem faz a música na nossa cidade.

Agradeço ainda a Deus. Nada disso seria possível se não fosse por ele operando em minha vida. Obrigado por toda graça concedida.

A todos vocês meu muito obrigado!

Resumo

O rock é um gênero musical nascido nos Estados Unidos, na década de 50. Ele originou-se a partir do também americano jazz. Desde então, o gênero se expandiu ao redor do globo e assimilou vários elementos de outras culturas no seu estilo sonoro. No Ceará, existem bandas que integram uma cena alternativa e que incorporam esses estilos como uma forma de fazer o rock no estado. Mas como é a rotina desses grupos? Quem são as pessoas responsáveis por isso? Quais atividades essas pessoas realizam paralelamente à música? O presente trabalho tem como objetivo mostrar, através de fotografias, a história, a realidade e o cotidiano desses grupos no estado a partir da impressão de um livro como produto do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Portanto, escolhi a Banda ARS, uma banda oriunda da Praia do Icaraí com pouco menos de dez anos de criação e que mescla o som da praia com a sonoridade roqueira, autointitulando-se uma banda de surf rock nordestino. Para a realização deste trabalho, mergulhei na realidade da banda acompanhando sua rotina, seus ensaios e seus shows ao longo de três anos. O resultado é um livro de fotografias no formato 21 cm x 21 cm e intitulado *Mar Cresceu: um olhar fotográfico da Banda ARS*. Explorando os bastidores do cenário musical de Fortaleza, o livro traz o dia a dia, as inspirações e os desafios da banda e dos membros na cidade alencarina.

Palavras-chave: Banda ARS, fotografia, rock, surfe.

Abstract

Rock is a music genre born in the United States during the 1950's. It came from the also american Jazz. Since then, the genre expanded around the globe and incorporated several elements from other cultures into it's sound style. In Ceará, there are bands that form the alternative scene and assimilate such styles as a way to develop rock in the State. But what is the routine of these groups like? Who are the people responsible for it? What other activities do these people enroll in besides making music? This work intends to show, with photographs, the story, the reality and the daily life of such groups in the State through the printing of a book as the product of my undergraduate thesis. Therefore, I chose the band ARS, a group originated from the Icaraí beach almost ten years ago, that mixes beach sounds and rock n' roll, a self-entitled northeastern surf rock band. For this work, I dived into their reality, witnessing their routine, their rehearsals and their shows during three years. The result is a photography book, in a 21 cm by 21 cm format, entitled "Mar Cresceu: um olhar fotográfico da Banda ARS". By exploring the backstage of the music scene in Fortaleza, the book shows the daily life, inspirations and challenges of the band and its members in the city.

Key-words: ARS Band; photography; rock; surf

Sumário

1. Introdução.....	10
1.1. Banda ARS.....	11
1.2. Objetivos.....	15
1.2.1. Geral.....	15
1.2.2. Específicos.....	15
2. A fotografia como narrativa.....	17
2.1. A fotografia como contação de histórias.....	18
2.2. Fotodocumentário.....	19
2.3. Fotojornalismo.....	22
3. Não é só apertar o botão.....	25
3.1. Panorâmica.....	27
3.2. <i>Zoom burst</i> ou sequência de zooms.....	28
3.3. Moldura Natural.....	29
3.4. Captação de expressões.....	31
4. O produto.....	33
4.1. Estrutura física e divisão.....	33
4.2. Elementos gráficos.....	34
4.3. Fotografias.....	37
4.4. Título.....	38
4.5. Produção.....	38
4.6. Pós-produção.....	39
5. Conclusão.....	41
6. Referências.....	43

1. Introdução

O Curso de Jornalismo da Universidade Federal (UFC) possibilita aos alunos uma gama de opções a serem escolhidas como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Dentre as possibilidades, podem-se citar os livros-reportagem, documentários, revistas, histórias em quadrinhos, ensaios fotográficos, dentre outros. O trabalho aqui descrito constitui o meu TCC. O formato escolhido é um livro de fotografias, onde há um predomínio das imagens (foco principal do trabalho) alinhadas aos textos que servem como um complemento ao que é retratado através das fotos.

A preferência pelo texto imagético se deu, principalmente, pela minha grande afinidade com a fotografia. Desde antes do início do curso já tinha grande interesse na área, porém não tinha o devido conhecimento sobre o assunto. Com o Curso de Jornalismo, pude finalmente aprender, estudar e praticar com maior afinco após o início das aulas de fotografias ministradas pelos professores Elian Machado e Riverson Rios nas disciplinas de Fotojornalismo e Oficina de Fotografia, respectivamente. O propósito do trabalho é apresentar a fotografia como uma importante ferramenta de registro que possui a capacidade de documentar as mais diversas situações ao longo do tempo.

O presente trabalho tem como objetivo documentar, através da fotografia, a rotina de trabalho de uma banda de rock em Fortaleza ao longo dos meses.

A *Banda ARS* foi escolhida como personagem principal para a documentação deste trabalho. A escolha da banda se deu em função da proximidade e identificação do grupo com a cidade de Fortaleza. Além disso, as composições e o visual se destacam. As letras por possuírem consonância em relação a cidade. A estética e visual da banda, por sua vez, chamam atenção por ser uma banda de surf rock, com vestimentas mais despojadas e um estilo mais praiano. De modo geral, a banda foi escolhida por se identificar muito com a capital cearense tanto nas músicas quanto no visual.

Com um total de quatro integrantes, o trabalho registrou as rotinas produtivas de uma bande roqueira na capital cearense, perpassando por situações diversas, desde os processos de composição das canções, reuniões, ensaios, até os shows. Além de tudo isso, buscou-se também mostrar o lado humano dos músicos. Quem são as pessoas que compõem uma banda no cenário *underground* de Fortaleza? São pessoas acessíveis? São olímpianos? Por meio das ferramentas inerentes ao jornalismo, como a entrevista e o fotojornalismo, foi possível

apresentar quem são eles e como são as suas respectivas rotinas para além do mundo da música.

1.1. Banda ARS

O grupo musical escolhido como personagem da narrativa proposta é oriundo da Praia do Icarai, na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Apresentado como uma banda de surf rock nordestino, a *Banda ARS* foi formada em 2009 pelos amigos Micael Belo e Caio Vitor — dois dos integrantes que são apresentados no trabalho.

O grupo conta com dois EPs gravados e lançados: *Amigos, Rock & Surf* (2013) e *Filhos do Dragão do Mar* (2015). A partir do início de 2019, o grupo iniciará o trabalho de produção do primeiro álbum intitulado *Do asfalto à praia*.

Os outros membros retratados para além dos dois músicos supracitados são Jessé Filho e Diego Xavier, baixista e baterista da banda respectivamente. A composição atual do grupo conta com Micael Belo na guitarra rítmica e nos vocais, Jessé Filho no baixo e Diego Xavier na bateria.

O *rock* nasceu nos Estados Unidos na década de 50, e originou-se a partir de outro gênero musical típico da cultura norte-americana: o *jazz*.

Naquela época, os instrumentos base para a composição sonora do gênero eram os mesmos presentes nas composições atuais: a guitarra elétrica, o baixo e a bateria que eram acompanhados pelo vocal.

A publicitária cearense Antonia Tânia Gomes expôs em sua monografia um pouco sobre a gênese e razões para a popularização do gênero.

O ritmo apresentava influências do som negro que surgiu na região sul dos Estados Unidos, e também da música country americana. Popularizou-se com facilidade em função das suas características joviais, como letras fáceis e estruturas simples, somando isso à levada agitada que era, e continua sendo bastante convidativa aos jovens. (GOMES, 2007, p. 22)

Ao longo do tempo, o *rock* sofreu influências de várias maneiras modificando a sua sonoridade, mas mantendo a sua essência. A cada década, novos estilos de *rock* iam surgindo, bebendo da fonte de outros estilos e incorporando-os, criando novos subgêneros, tais como *rock progressivo*, *hardcore*, *new metal*, *indie rock*, *grunge*, dentre outros.

Rock Around The Clock é uma canção de *rock* composta em 1952 pelos americanos Max C. Freedman e James E. Myers. Sua versão mais conhecida, no entanto, é do grupo

chamado Bill Haley & His Comets que a regravou no ano de 1954. A música não foi a primeira composição roqueira da história, mas se destaca por ter sido a primeira gravação de *rock* a chegar ao topo da revista *Billboard*, em julho de 1955.

No Brasil, o *rock* chegou também na década de 50. Mais precisamente em 1955, quando a sambista Nora Ney gravou uma versão da canção supracitada — *Rock Around The Clock* — e, em tão somente uma semana, a versão já chegou ao topo das paradas de rádio. Não obstante, de acordo com o escritor e músico Luiz Carlos Mansur, o estilo roqueiro chegou às terras tupiniquins como um produto já bem definido:

Ao contrário do seu berço, nos Estados Unidos, onde amalgamou elementos de duas vertentes consideradas marginais — o negro *rhythm and blues* e o branco *country and western* —, o *rock* desembarcou do lado de baixo do Equador como um produto pronto e acabado. Não foi resultado de uma lenta maturação que veio de “baixo para cima”. (MANSUR, 1990, p. 251).

Por sua vez, a primeira canção do gênero genuinamente brasileira foi escrita por Miguel Gustavo e interpretada por Cauby Peixoto no ano de 1957, e se chamava *Rock and Roll em Copacabana*.

No entanto, o *rock* somente se popularizou por aqui na década de 80, quando algumas bandas independentes surgiram no cenário musical do país. Grupos como *Titãs*, *Paralamas do Sucesso*, *Legião Urbana* — também sua antecessora *Aborto Elétrico* — e *Engenheiros do Hawaii*, eternizaram-se disparando nas rádios e fazendo sucesso principalmente entre o público jovem da época.

Outro fator que contribuiu para a consolidação do gênero no Brasil foram os filmes *Bete Balanço* (1984), *Rock Estrela* (1985) e *Rádio Pirata* (1987), trilogia de sucesso dirigida por Lael Rodrigues e que continha trilha sonora composta essencialmente por músicas de *rock*.

Já no Ceará, a maioria das bandas de *rock* ficava no cenário *underground* e se limitava a fazer *covers* das bandas internacionais até meados da década de 90. De acordo com Antonia Tânia:

A maioria das bandas daquela época apenas reproduzia o que se tocava no cenário internacional. Essa atitude era inclusive um meio de ganhar algum espaço, apresentar-se e, de alguma forma, promover-se, mesmo executando músicas de bandas conhecidas internacionalmente, como os Beatles. (GOMES, 2007, p. 45)

Para fins explanatórios, faz-se necessária uma breve definição do que é considerado o *underground* e o que é o *mainstream*. Os pesquisadores Santos *et al* (2017, p. 4), consideram que “o *underground* implica em algo que não é disponibilizado para grande número de pessoas e não tem reconhecimento geral. O produto *underground* é considerado como aquele que agrega valor, uma obra autêntica, longe do senso comum”.

Por outro lado, definem o *mainstream* como:

É um conceito que expressa uma tendência ou moda principal e dominante. A tradução literal de *mainstream* é “corrente principal” ou “fluxo principal”. O *mainstream* designa um grupo, estilo ou movimento com características dominantes. Esse conceito está relacionado com o mundo das artes, principalmente com a música e a literatura. Essa tendência agrada a maioria da população e apresenta um conteúdo que é usual, familiar e disponível à maioria e que é comercializado e mediado por aparatos tecnológicos, com algum ou muito sucesso. (SANTOS *et al*, 2017, p. 4)

Na cultura pop existem muitos produtos que falam sobre a rotina de uma banda. Entre vários filmes sobre a temática pode-se citar o icônico é *Quase Famosos* (2000), do diretor Cameron Crowe. No longa, um garoto de 15 anos tem a chance de acompanhar uma banda de rock durante sua turnê e vai contando os acontecimentos vividos, tentando desmistificar aquela ideia enraizada de que o rock nada mais é que um mundo de sexo e drogas.

A indústria fonográfica aparenta, a priori, movimentar muito dinheiro, em virtude da vida de astros que os famosos da música possuem e pela possibilidade de lotar espaços com fãs que querem ouvir e prestigiar o trabalho. Existe toda uma máquina financeira por detrás dos grupos musicais que os fazem eclodir. Levando-se em conta o processo de gravação, shows, viagens, marketing, distribuição digital de música, a indústria da música fornece ao seu artista muitas possibilidades, além de respaldo jurídico e, principalmente, financeiro.

No entanto, essa é a realidade de um grupo musical que está no patamar mais alto. Muitos outros grupos não têm as mesmas possibilidades. A indústria musical investe naquilo em cujo sucesso confia, na fórmula que é rentável. A indústria cultural não abre espaços para a dúvida, visto que no mundo dos negócios não se pode permitir perder dinheiro.

Existem em todo o globo grupos musicais que se encontram no cenário alternativo — ou *underground*, que traduzido do inglês significa subsolo, pois muitas tocam em pequenos bares poucos sofisticados que se localizam exatamente no pavimento inferior de algum prédio — e que almejam uma mudança brusca de direção. Existem também os que querem ficar na mesma posição. Porém, com maiores possibilidades de se manter firme num cenário de

predadores onde, costumeiramente, são engolidos por outras bandas ou outro gênero que possui um maior respaldo da indústria. Ao se referir sobre o cenário cearense, o pesquisador e publicitário Rubens de Albuquerque apresenta um dos entraves.

Ainda no final dos anos 1990, já se revelava intensa uma carência das bandas de rock do Ceará por espaço para os shows e outros meios de produção e divulgação. Esse era um obstáculo que já havia se imposto às primeiras bandas locais, mesmo em décadas anteriores. Para uma considerável maioria do público local, a tradição determinava que o “natural” era que público cearense gostasse, acima de tudo, do *forró*, visto como tradição pretensamente típica do estado. (FILHO, 2013, p. 21)

Mas o fato é que, em Fortaleza, é quase inexistente a abordagem a grupos que buscam tocar o rock. É tanto que o nicho é concentrado em áreas que geralmente são destinadas a festivais alternativos como o Centro Cultural Dragão do Mar.

Pouco se sabe sobre como é de fato o cotidiano de um grupo. Como é o caminho trilhado para se sobressair em uma cidade onde a competição é feroz e poucos se destacam. Desse modo, justifica-se o presente trabalho de maneira a apresentar esses grupos *underground* em suas nuances. Nesse caso, mais específico, mostrar como uma pequena banda de rock se mantém, como é a sua rotina, como é o processo de financiamento, como são os shows. É de interesse apresentar as suas particularidades, a maneira como se promovem e também o dia a dia deles como pessoas “normais”.

Diante do exposto sobre as bandas *undergrounds*, o trabalho buscou responder, através do objeto escolhido — a Banda ARS e seus membros —, os seguintes questionamentos:

- Como é a rotina de uma banda de rock em Fortaleza?
- Como é o processo de gravação?
- Que tipo de atividade a banda faz paralelamente à música?
- Como é o processo de composição?
- Como é dividir o tempo entre a vida como música e as outras ocupações profissionais ou estudantis?
- O processo de financiamento, como se dá?
- Quem são os membros para além da música?

1.2. Objetivos

1.2.1. Geral

É de interesse deste trabalho apresentar a rotina, os bastidores e o dia a dia de uma banda de *rock underground* em Fortaleza. Mostrar um retrato fiel de como eles produzem a música autoral. Mostrar para o leitor o que é ser e estar em uma banda de *rock*.

1.2.2. Específicos

Têm-se como interesses mais específicos deste trabalho:

- Apresentar os membros da banda de uma maneira humanizada, mostrando suas atividades para além da música
- Mostrar como se dá o processo de financiamento sem o apoio da indústria
- Apresentar como é o processo de composição das letras
- Investigar de que maneira a cidade influencia no visual e sonoro da banda
- Relatar como é a gravação das músicas

Para que o trabalho fosse realizado e os objetivos concretizados, a presença e o contato do pesquisador, no caso o fotógrafo, com o objeto de estudo foi de fundamental importância. Foi necessário conhecer todo o estilo dos músicos, estudar seus comportamentos no palco, analisar as suas performances etc. Foi preciso uma confiança mútua.

O método científico enquadrado no trabalho foi o etnográfico, um método que se baseia no contato inter-subjetivo entre o pesquisador e o seu objeto. A base da pesquisa etnográfica é o trabalho de campo. Um trabalho intenso e prolongado. Basicamente é necessária uma imersão profunda no campo de estudo para que se possa ter conhecimento sobre a cultura e sobre as maneiras de atuação do objeto escolhido.

Dentre as premissas básicas desse método estão:

Introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado (MATTOS, 2011, p. 49)¹

Dessa forma, para que todas as propostas elencadas na problematização fossem realizadas, a banda foi acompanhada e fotografada em variadas situações. Uma condição em que foi exigido tempo. Com fotografias que foram tiradas ao longo de três anos — desde 2015, ano mais antigo de fotografia presente no trabalho.

A partir disso, passei a estar presente na rotina de trabalho da banda. Estive presente em ensaios, shows, gravação de imagens para webclipe, gravação de guias para as músicas. Além dessas situações pude fotografar e entrevistar os quatro membros durante suas ocupações paralelas. Fotografei o Micael Belo durante uma noite em que ele fotografava e filmava para outra banda. Acompanhei um dia de surfe com o Caio Vitor. Estive presente durante um dia na cozinha com o Jessé Filho. E, por fim, acompanhei Diego Xavier durante um dia de preparação para o TCC dele, quando buscava livros para a realização do seu trabalho.

Ainda estive presente em reuniões, palestras sobre música em que os membros se faziam presente, dentre outras situações que me permitiram ter bastante contato e conhecimento do meu objeto de pesquisa.

O resultado obtido foi um livro onde exponho as fotografias divididas em capítulos e os textos oriundos das entrevistas com os membros. O produto será melhor detalhado no Capítulo 4, com suas divisões, com os processos de produção e os porquês das suas escolhas gráficas.

Os demais capítulos estão assim organizados. No Capítulo 2, é apresentado uma breve história sobre a fotografia, perpassando a temática como narrativa, como documento e como informação, até o advento do fotojornalismo em si.

No Capítulo 3, são mostradas algumas técnicas fotográficas utilizadas ao longo da confecção do trabalho. São explicadas noções de como realizá-las e é mostrado a importância da técnica para uma boa fotografia.

Por fim, na Conclusão, apresenta-se a resposta obtida, ressaltando a produção do livro e mostrando de que maneira o trabalho aproximou e aprofundou o meu fazer jornalístico.

¹ Disponível em <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 03/11/18.

2. A fotografia como narrativa

O presente capítulo tem como objetivo apresentar um panorama sobre a história da fotografia e o ato de fotografar. Primeiramente, são expostas algumas dicas essenciais para uma boa fotografia.

Em seguida, é mostrado como a fotografia tem o caráter documental para construir narrativas, tanto na fotografia documental como no fotojornalismo, além de ser também uma forma de denúncia para alertar os espectadores sobre situações que necessitam de um cuidado ou reclamam atenção especial. Por fim, discorre sobre a necessidade do diálogo e da espontaneidade por uma boa fotografia.

Conforme dito na introdução, o interesse deste trabalho é contar, através de imagens, como são os bastidores de uma banda do cenário musical de Fortaleza. O objetivo é criar um livro de narrativa fotográfica tendo a música da cidade como contexto. Uma obra de caráter metalinguístico, algo que faça menção ao ideal parnasianista da arte pela arte e da arte sobre a arte.

O ato de fotografar demanda ações prévias. Com a câmera em mãos, é necessário estudar e observar a ambientação, analisar o objeto desejado, para enfim pressionar o obturador. Afinal, fazer uma foto é bem mais do que só apertar um botão. É necessário saber esperar, testar ângulos e perspectivas diferentes. Um bom fotógrafo não é aquele que consegue uma foto de qualidade logo de início, mas sim o que explora as suas possibilidades, buscando a imagem improvável e que, na minha concepção, transmite alguma emoção.

Uma das máximas da fotografia é a paciência. Segundo o fotojornalista mineiro Sebastião Salgado (2014, p. 9) “quem não gosta de esperar não pode ser fotógrafo”. Para a produção de alguns trabalhos, o fotógrafo pode levar meses ou até anos para que se chegue ao resultado desejado. Sebastião Salgado (2014) compara o trabalho do fotógrafo ao de um caçador.

Muitos dizem que os fotógrafos são caçadores de imagens. É verdade, somos como os caçadores que passam muito tempo à espreita da caça, esperando que ela decida sair de seu esconderijo. Fotografar é a mesma coisa: é preciso ter paciência para esperar o que vai acontecer. Pois algo vai acontecer, necessariamente. Na maioria dos casos, não há como acelerar os fatos. É preciso descobrir o prazer da paciência. (SALGADO, 2014, p. 10)

O pensamento de Sebastião Salgado não diverge da opinião do fotógrafo francês Cartier-Bresson. Um dos princípios básicos dele era de que em toda fotografia existe um

momento decisivo. Para ele, não havia nada no mundo sem um momento decisivo. A ideia nos remete mais uma vez à necessidade de saber esperar no tocante ao exercício da fotografia. No pensamento de Cartier-Bresson (1952, p. 5), “o fotógrafo impaciente, ou o que simplesmente tem pressa, está fadado ao ridículo²”.

Para além do tempo e da paciência, características fundamentais para uma boa fotografia, a técnica também é um elemento de suma importância, pois é como um caminho para arte. Através do conhecimento técnico de fotografia, o fotógrafo está apto a explorar uma gama de possibilidades para a construção da imagem.

Como dito anteriormente, fotografar é bem mais do que apertar o obturador. A título de curiosidade, faz-se necessária a apresentação de algumas técnicas para a compreensão do leitor de como esse conhecimento pode levar à arte.

2.1. A fotografia como contação de histórias

Uma característica inerente ao exercício da fotografia é a proximidade com o que é apresentado. O autor viveu o momento. Alguém pode levantar a questão sobre fotografias realizadas com temporizadores remotos ou com *time-lapses*³, mas a assertiva ainda continua válida, pois foi o fotógrafo quem enquadrou. Foi ele quem escolheu o objeto a ser fotografado e controla o tempo de exposição. Mesmo que seja uma foto demorada, ele esteve presente de alguma maneira para o registro daquela imagem. Não existe a possibilidade de se fotografar algo sem ter estado presente no momento da realização da fotografia. Segundo o cineasta e diretor de fotografia Brian Dilg (2016), é uma característica que a diferencia de outros tipos de produções, como a de um texto.

Qual é a diferença entre um escritor e um fotógrafo? Um escritor pode se basear no que ouve de outras pessoas para escrever palavras; um fotógrafo de estar presente para tirar fotos. E como o fotógrafo está lá, o espectador também está. Ao olhar uma foto, você se encontra no mesmo lugar que o fotógrafo — você é transportado de volta no tempo quando examina uma foto histórica; está em uma zona de guerra quando vê a fotografia de um conflito. (DILG, 2016, p. 16).

A afirmação acima pode ser exemplificada com um texto jornalístico, que muitas vezes é escrito com base nos relatos de terceiros. A exemplo de quem trabalha em uma redação de jornal, é possível que o repórter ligue para a fonte, ou receba uma informação de

²No original: “An impatient photographer - or one who is simply pressed for time - is subject to ridicule” (tradução nossa).

³De acordo com o blogue *Falando de Foto*, “*time-lapse* é uma técnica cinematográfica capaz de contar determinado acontecimento num espaço de tempo muito menor que o original”. Disponível em <https://falandodefoto.com.br/o-que-e-e-como-fazer-um-time-lapse/>. Acesso em 31/10/2018.

um internauta por meio das redes sociais para que, então, possa construir o texto informativo ou narrativo sobre o fato. No entanto, com a fotografia o mesmo não é possível. Não se pode fotografar algo através de uma ligação, de um e-mail. Para a realização da fotografia é necessário estar presente.

Para Cartier-Bresson (1952, p. 4), “de todas as formas de expressão, a fotografia é a única que consegue congelar precisamente aquele momento único e transitório⁴”. O tempo não para. Não é possível adiantá-lo nem fazê-lo voltar. Não obstante, a imagem fotográfica congela aquele momento, seja num filme, numa tela LCD ou num papel impresso. O pensamento de Bresson expresso nessa frase é harmônico à ideia do caráter documental da fotografia. De poder guardar aquele momento único como uma peça fundamental para a lembrança do que foi retratado.

O fotógrafo francês ainda incrementou seu pensamento afirmando o poder de informação que uma única imagem é capaz de ter. Segundo ele (1952, p. 3), “às vezes, há uma única fotografia cuja composição possui tanto vigor e riqueza, que essa foto ímpar é a própria história por si só⁵”.

Faz-se importante mencionar, também, o sociólogo francês Roland Barthes, que, em sua obra *A Câmara Clara*, afirma que “a fotografia reproduz ao infinito o que só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que se nunca mais poderá repetir existencialmente” (BARTHES, 1980, p.16). A afirmação de Barthes se assemelha ao pensamento defendido por Cartier-Bresson.

2.2. Fotodocumentário

A fotografia, em si, tem essa característica de ilustrar e complementar a informação, quando não é a informação por si só. Uma fotografia bem feita, por muitas vezes, tem o poder de informar mais do que um texto descritivo e narrativo. As fotos têm também o tom documental da história. Muitos fotógrafos — o americano natural da Filadélfia Steve McCurry é um exemplo — utilizam seus trabalhos de captação de imagens como uma forma de denunciar alguns fatos.

Membro da célebre agência Magnum (que será exposta na próxima seção) desde 1986, Steve McCurry trabalhou dois anos em redações de jornais antes de partir para a Índia

⁴No original: “of all the means of expression, photography is the only one that fixes forever the precise and transitory instant”(tradução nossa).

⁵No original: “sometimes there is one unique picture whose composition possesses such vigor and richness, and whose content so radiates outward from it, that this single picture is a whole story in itself” (tradução nossa).

como *freelancer*. Seu trabalho retratando a invasão russa ao Afeganistão rendeu-lhe o *Robert Capa Gold Medal* — prêmio dedicado a fotógrafos que possuem iniciativas excepcionais e que demonstram bravura em situações de risco — pela melhor reportagem fotográfica do exterior, em 1980. A fotografia da garota afegã de olhos verdes, Sharbat Gula (apresentada na figura 1), talvez seja o registro mais famoso de McCurry.

Figura 1 – A garota afegã. Foto: Steve McCurry



Nas redes sociais, houve comentários de internautas leigos criticando o trabalho de fotógrafos por “buscar fama à custa da desgraça alheia”, como no exemplo apresentado nas Figuras 2 e 3, onde a postagem do *Diário do Nordeste* serviu de meio para questionar o trabalho realizado. A intenção do fotógrafo é documentar, registrar, mostrar ou denunciar a realidade para que outras pessoas vejam e tenham conhecimento do que acontece.

Figura 2 – Print da postagem do Diário do Nordeste onde internautas criticam o autor da foto

6 Disponível em https://iphotochannel.com.br/wp-content/uploads/2015/07/afgrl_2_custom-3a3c521b56b7ca49fd179a5c7fec4f79bff34829-s800-c85.jpg. Acesso em 22/10/2018.



Figura 3 – Prints dos comentários da postagem citada acima



O catarinense Araquém Alcântara é fotógrafo de natureza e é outro exemplo de profissional do ramo que usa seu trabalho como uma forma de conscientização coletiva e denúncia social. Ao longo dos últimos 50 anos, documentou a fauna brasileira e buscou delatar o descaso com o meio ambiente. Em seu livro *Bicho Brasil*, o autor retrata bichos da vida selvagem brasileira como uma forma de reclamar a necessidade de preservá-los.

7 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BoPE9q5HyFu/?taken-by=diariodonordeste>. Acesso em 17/10/2018.

8 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BoPE9q5HyFu/?taken-by=diariodonordeste>. Acesso em 17/10/18.

Nós somos os maiores devastadores do planeta, e precisamos dar um basta no processo avassalador de destruição da natureza. Por que somos tão passivos? As fotos também carregam o anseio de salvar o que ainda pode ser salvo, e clamam por indignação e atitude. (ALCÂNTARA, 2018, p. 110).

Diante do contexto documental da fotografia, seja para informar, delatar alguma mazela da sociedade ou simplesmente ilustrar uma informação verbal, convém falar sobre o fotojornalismo.

2.3. Fotojornalismo

O fotojornalismo é o campo da fotografia que alinha a imagem ao textual. A partir do olhar fotográfico, pode-se misturar o imagético com a palavra escrita e, dessa forma, contar uma história.

Segundo Brian Dilg (2016, p. 36), “datada dos séculos XIII e XIV, a câmera escura foi o protótipo das primeiras câmeras analógicas”. Ainda de acordo com Dilg (p. 36), “a tecnologia básica da fotografia surgiu em 1826 quando o francês Joseph Nicéphore Niépce inventou um material que podia fixar permanentemente uma imagem em uma superfície”. Esse processo obtido foi chamado heliografia.

No entanto, a história do fotojornalismo moderno tem período de engrandecimento na Alemanha após a 1ª Guerra Mundial, por volta do início da década de 20, como afirma a historiadora espanhola Marie-Loup Sougez:

O grande impacto do fotojornalismo produz-se logo após a Primeira Guerra Mundial. Se, como dissemos, é um pouco difícil delimitar onde a foto *live* passa a ser propriamente jornalística, não há dúvidas que o grande jornalismo americano nasceu na Alemanha liberal da República de Weimar e a subida do nazismo motivou a diáspora dos melhores repórteres alemães — na sua maioria judeus — para o estrangeiro, sobretudo para os Estados Unidos. (SOUGEZ, 2011, p. 259).

O fotojornalismo independente, por outro lado, teve seu início nos Estados Unidos após a 2ª Guerra Mundial, como afirmam os pesquisadores Rodolpho Neto e Maria Aybar Ramírez:

Juntamente com mais três autores-fotógrafos; David “Chim” Seymour, Henri Cartier-Bresson e George Rodger; Robert Capa fundou, em 1947, a agência *Magnum*. A escolha do nome se referia a sua adoração pelo *champagne* de mesmo nome. A cooperativa de fotógrafos, muito diferentes entre si em personalidade e educação, nasceu após muitas outras agências como a *Keystone* (1927), a *Black Star* (1935), a *Rapho* (1946) e a associação pioneira de amadores, *Grupo dos XV* (1946). (NETO; RAMÍREZ, 2008, p. 122).

O fotógrafo húngaro Robert Capa — pseudônimo de Andrei Friedmann — que levantou a questão sobre a exploração dos profissionais por terceiros. Com o objetivo de se possuir uma maior liberdade de pauta, posse sobre os negativos e direitos autorais das imagens:

Pela primeira vez, a classe dos fotojornalistas reivindicava a propriedade de seus negativos e reclamava para si o controle da edição de seu material em âmbito mundial. Também requeriam seu direito à assinatura e ter mais tempo para os projetos fotográficos, que seriam propostos por eles mesmos. A *Magnum* surgiu como oportunidade de independência e autonomia do fotógrafo, que teria maior liberdade de criação e ação. (NETO; RAMÍREZ, 2008, p. 122).

A função elementar do fotojornalismo é informar sobre os acontecimentos. Em sua obra *Fotojornalismo e Legalidade 1961*, o experiente fotógrafo Cláudio Fachel precisa o fotojornalismo da seguinte maneira:

Com a finalidade primeira de informar sobre os acontecimentos, o fotojornalismo pode ser definido, segundo João Pedro Sousa, de duas maneiras: no sentido *lato sensu* ou amplo, que abrange desde o fotodocumentarismo, entendido como as reportagens mais elaboradas e planejadas, passando pelo *spot news* — fotos de notícias —, fotos de ilustrações até as *feature photos* — fotografias únicas, e de situações inusitadas encontradas pelos fotógrafos em suas movimentações diárias. E no sentido *stricto sensu*, ou restrito, entendendo-se como o fotojornalismo da ação direta sobre a notícia com o objetivo de informar, contextualizar e opinar sobre um acontecimento ou fato. (FACHEL, 2011, p. 17)

A rotina de trabalho de um fotojornalista, por vezes, exige do profissional um posicionamento ético diante das situações que possam vir a aparecer. Afinal, o fotojornalismo é a captação do real ou a representação do real?

Há de se levar em conta a premissa de que a intervenção do fotógrafo deve ser mínima ou nula na imagem, visando obtê-la de uma maneira genuinamente espontânea e verdadeira. Qualquer tipo de manipulação do autor na situação pode criar uma situação onde a imagem poderá perderá sua essência.

O pensamento do sociólogo Roland Barthes é resgatado novamente nesta seção para entendermos um pouco do que está sendo tratado. Segundo ele (1980, p. 18), “a partir do momento em que me sinto olhado [objeto] pela objetiva, tudo muda: ponho-me a ‘posar’, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem”.

O autor tem parte de razão. Existem situações que no momento em que o objeto (geralmente pessoas) se vê diante de uma câmera, ele tende a mudar o comportamento, agindo de maneira mais “forçada”, em vez de agir de uma forma natural, do modo que agiria se não soubesse que estava sendo o foco de uma lente fotográfica. Barthes justifica seu pensamento com a ideia de que o simples fato de o objeto ter conhecimento que está sendo fotografado já é um tipo de intervenção na originalidade da situação.

Contudo, existem várias fotografias de pessoas que consentiram ser retratadas e são exemplos ímpares de documentação histórica para a fotografia. O próprio exemplo da garota afegã — apresentado na Figura 1 — esclarece isso. Deve ser levada em consideração também a autorização da fonte. No entanto, esse “sim” não deve ser confundido com intervenção ou pedidos por parte do fotógrafo. A imagem deve ser isenta de qualquer tipo de intromissão do autor.

Sebastião Salgado (2014, p. 9), um dos maiores fotojornalistas da atualidade, por sua vez, defende que sempre que fotografa seres humanos, nunca chega incógnito a um grupo, sempre se apresenta.

As fotografias tiradas para a composição do presente trabalho foram consentidas com cada um dos membros da Banda ARS. No entanto, não houve sequer nenhum tipo de intervenção na produção de qualquer uma das imagens.

O capítulo seguinte abordará as principais técnicas fotográficas utilizadas para a composição deste trabalho.

3. Não é só apertar o botão

A técnica é, segundo o fotógrafo americano Ansel Adams, um caminho para arte. Ela é capaz de dotar o olhar do autor de certa magia, conforme afirmam os pesquisadores Erasmo Júnior e Luciana Silva (2017, p. 7). Adams é natural da Califórnia, e acreditava que o conhecimento técnico flexibilizava o olhar de quem fazia a foto, de modo que passava a visualizar a imagem não só com a câmera, mas com o próprio olhar.

O processo inicia-se com o sistema câmera-objetiva-obturador, que pode “ver” de forma análoga, mas não idêntica, à do olho humano. A câmera, por exemplo não se concentra no centro de seu campo de visão, como faz o olho, mas vê tudo que está dentro de seu campo de visão com igual precisão” (ADAMS, 2003, p. 17).

Um dos conhecimentos básicos da técnica fotográfica baseia-se nas noções do triângulo da exposição. Mas o que é isso? São três os componentes que fazem parte desse conceito — representando cada aresta da figura geométrica —: ISO, velocidade do obturador e abertura.

O ISO é o sensor da câmera e o seu valor define o quanto de luz é atingido por essa parte. De acordo com o portal Canon College⁹

O ISO determina a sensibilidade do sensor da câmera à luz. Quanto maior a sensibilidade, maior será a capacidade de captar a luminosidade. Porém, note que ao usar um ISO alto você terá mais ruído na sua imagem. Se quiser uma imagem completamente nítida, você precisará usar um ISO baixo e compensar no obturador e no diafragma para conseguir a exposição correta.⁸

Essa sensibilidade à luz é definida por números. Quanto mais baixo o valor do ISO, menos luz chegará ao sensor (geralmente o valor mínimo nas câmeras é de 100). Por outro lado, quanto maior o número, maior a sensibilidade e, conseqüentemente, maior será a entrada de luz (os valores variam para cada equipamento, podendo chegar à 32000, a depender da tecnologia).

Por sua vez, “o tempo de abertura do obturador determina a quantidade de luz que alcança o sensor ou o filme” (HEDGE COE, 2013, p. 92). Ainda de acordo com o portal Canon College, o obturador determina o tempo que a foto leva para ser tirada e, como consequência, a quantidade de luz que entra nesse período. É representado como uma fração do número um por ser uma fração de segundo. Quando o número da fração é menor, mais

⁹ Disponível em <https://college.canon.com.br/dicas/principios-basicos-exposicao-51>. Acesso em 05/11/18.

rápido o obturador abre e fecha. Já quando o número da fração é maior, leva mais tempo para o obturador abrir e fechar.

O autor Michael Longford (2001, p.34) afirma que “o tempo que o sensor fica exposto à luz depende da velocidade do obturador. Dessa forma, quanto menor for a velocidade do obturador, maior será indefinição determinada pelo movimento do objeto[...]¹⁰”

Logo, se o interesse é dar a sensação de movimento ou maior captação de luz, opta-se por uma velocidade mais baixa, como 1/30 ou 1/60. Como o tempo de exposição é menor, qualquer movimento brusco pode borrar a imagem. Se o desejo é congelar o movimento, utilizam-se velocidades mais altas, geralmente acima de 1/400.

Por fim, a abertura — alguns autores também chamam por diafragma. É representado por “f/” (letra f e uma barra). Quanto menor o número da abertura, maior a abertura em si, entrando mais luz conseqüentemente. A recíproca é verdadeira. Quanto maior a numeração, menor a abertura e menos luz atinge o sensor. Uma abertura de f/2.8 é muito grande, fazendo com que muita luz chegue ao sensor. Por sua vez, uma abertura f/22 é muito pequena, com pouca entrada de luz.

É o que explica Longford (2001, p. 30), quando diz que “ao fotografar um sujeito escuro, usa-se uma abertura grande para que entre a maior quantidade possível de luz; se o sujeito está muito iluminado, reduz-se a abertura. Desta forma, o sensor recebe, em ambos casos, a mesma exposição”.¹¹

Uma abertura grande, de f/2.8, por exemplo, abre a possibilidade de utilizar o recurso do foco seletivo. Quando se tem dois objetos no quadro da câmera, pode-se optar por focar no que estiver em primeiro plano ou no que estiver em segundo plano. Como a profundidade de campo é pequena, em decorrência da abertura grande, os dois elementos não podem ficar nítidos. Portanto, seleciona-se um dos elementos para dar foco. Como na Figura 4 apresentada abaixo.

Figura 4 – Exemplo de foco seletivo. Foto: Saulo Roberto.

10 No original: "De la velocidad de obturación depende el tiempo durante el que la película queda expuesta a la luz. Así que, cuanto menor sea la velocidad de obturación, mayor será la indefinición determinada por el movimiento del sujeto [...]"(tradução nossa)

11 No original: “"Al fotografiar un sujeto oscuro, se emplea una abertura grande, para que entre la mayor cantidad posible de luz; si el sujeto está muy iluminado, se reduce la abertura. De esta forma, la película recibe en ambos casos la misma exposición." (tradução nossa)



A imagem tem as seguintes configurações:

- f/2.5
- ISO 800
- Tempo de exposição: 1/40

A partir do triângulo das exposições, o fotógrafo pode explorar várias opções. Existem várias técnicas fotográficas, mas, nesta seção, serão mostradas aquelas que foram utilizadas na confecção deste trabalho. Vale ressaltar que todas as imagens apresentadas neste capítulo são de minha autoria e foram selecionadas para a composição do trabalho.

Geralmente, é o equilíbrio de forma harmônica desses elementos que permite a captação de uma foto com uma boa fotometria¹².

3.1. Panorâmica

De acordo com os autores Georges, Berman e Maher (2003, p. 207), “uma das coisas mais animadoras de se trabalhar com imagens digitais é que há a possibilidade de juntá-las usando *softwares* e criar fotos panorâmicas tanto na vertical como na horizontal”¹³.

A fotografia panorâmica consiste nessa colagem de imagens. Embora seja mais fácil utilizar um tripé para realizá-la, ainda podem-se obter imagens panorâmicas mesmo que não haja um. Basta ter cuidado para segurar firme e ter cuidado para fotografar o objeto a partir da mesma posição inicial (GEORGES; BERMAN; MAHER, 2003).

¹² Campo da óptica que trata da medição e leitura das propriedades da luz.

¹³ No original: “One of the most exciting things about working with digital images is that you can digitally stitch them together using special ‘stitching’ software to create vertical or horizontal panoramic photos” (tradução nossa).

Na Figura 5, temos um exemplo de foto panorâmica. Para obter-se a imagem abaixo, foi necessário fotografar seis imagens diferentes tendo o pulso firme e movimentando a câmera da esquerda para a direita (o contrário também pode ser realizado). No resultado final, cria-se uma visão inteira de uma área circunvizinha, já que a Terra é redonda e não plana. No entanto, essa técnica cria grandes distorções por impor em algo plano aquilo que é circular.

Figura 5 – Exemplo de foto panorâmica. Foto: Saulo Roberto



A imagem tem as seguintes configurações:

- f/10
- ISO 250
- Tempo de exposição: 1/100

3.2. *Zoom burst* ou sequência de zooms

Segundo o autor Eduardo Moraz, o *zoom burst* é uma técnica que está associada a um baixo tempo de exposição.

O uso do zoom associado a baixas velocidades de obturação também pode criar efeitos de movimentação interessantes [...] Então, com a câmera ajustada para obturação de baixa velocidade, aplica-se o zoom simultaneamente ao disparo, quando a câmera permite os dois comandos. (MORAZ, 2009, p. 91).

Já o professor de fotografia John Hedgecoe define esta técnica da seguinte maneira:

A imagem de um motivo estático pode ser manipulada para dar a sensação de movimento e dramaticidade, com a técnica de sequência de zooms. Ao trabalhar com uma objetiva zoom, o fotógrafo muda a distância focal durante uma velocidade de obturador mais lenta do que o normal. Isso resulta em uma imagem com linhas radiais borradas a partir do centro. (HEDGECOE, 2013, p. 100).

A Figura 6 representa a técnica *zoom burst*. Para alcançá-la, recomenda-se o uso de uma lente com zoom manual, já que consiste na aproximação ou recuo brusco do anel de zoom ao pressionar o botão do obturador. Na falta deste, ou em câmeras mais simples como a de um celular, o efeito pode ser obtido aproximando ou distanciando o aparelho fotográfico do objeto a ser fotografado ao mesmo tempo em que o obturador é pressionado.

Figura 6 – Exemplo de *zoom burst*. Foto: Saulo Roberto.



A imagem tem as seguintes configurações:

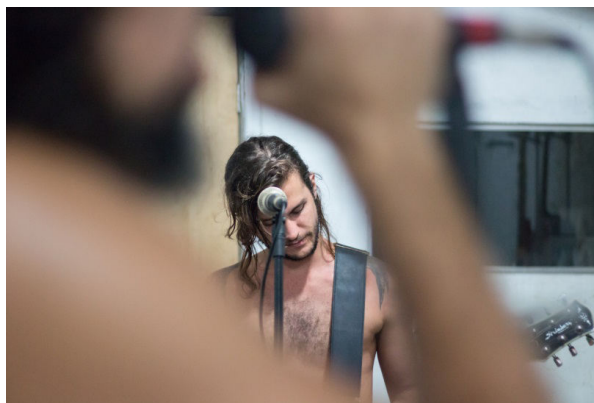
- f/10
- ISO 250
- Tempo de exposição: 1/100

3.3. Moldura Natural

O terceiro exemplo, representado pela Figura 7, consiste em uma moldura natural. Segundo o portal Canon College, esse tipo de enquadramento é quando se tem “elementos que parecem formar uma moldura ao redor do objeto que olhamos”. Ainda de acordo com o portal, “o enquadramento dentro do enquadramento é uma forma de composição que, além de criar sensação de profundidade, direciona o olhar do espectador para o que está no centro do seu registro”.¹⁴

Figura 7 – Exemplo de moldura natural. Foto: Saulo Roberto.

¹⁴ Disponível em <https://college.canon.com.br/dicas/moldura-natural-29>. Acesso em 31/10/18.



A imagem tem as seguintes configurações:

- f/1.8
- ISO 2000
- Tempo de exposição: 1/160

Para além da moldura natural, existem também outros tipos de enquadramento: *plongée*, quando a câmara está acima e voltada para baixo; *contra-plongée* (Figura 8), quando a câmara está embaixo e voltada para cima; plano detalhe (Figura 9), utilizada para enquadrar elementos específicos, como mãos ou objetos; plano geral, quando o enquadramento contempla muito do cenário, dentre outros.¹⁵

Figura 8 – Exemplo de *contra-plongée*. Foto: Saulo Roberto.



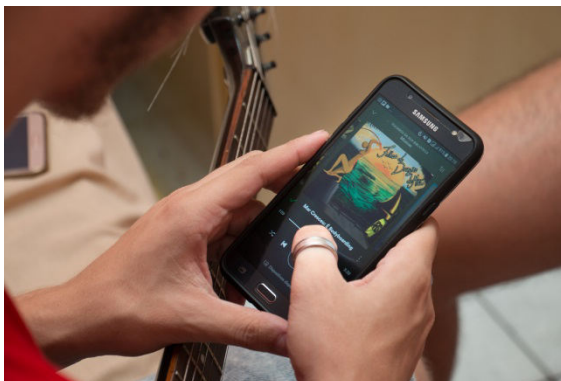
A imagem tem as seguintes configurações:

- f/3.5

¹⁵ Disponível em <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>. Acesso em 01/05/18.

- ISO 2000
- Tempo de exposição: 1/60

Figura 9 – Exemplo de plano detalhe. Foto: Saulo Roberto.



A imagem tem as seguintes configurações:

- f/5.6
- ISO 200
- Tempo de exposição: 1/25

3.4. Captação de expressões

As ideias de Sebastião Salgado e Henri Cartier-Bresson sobre a paciência que é demandada ao profissional e sobre o momento decisivo — expostas anteriormente — fazem referência direta a essa técnica.

O professor de fotografia John Hedgecoe explica a importância de se captar a expressão tomando como exemplo a fotografia esportiva, porém a premissa é válida para as mais variadas situações.

No esporte, diz o ditado, não importa vencer, mas competir. Quer seja um campeão mundial tentando reconquistar o título ou uma criança que busca sua primeira medalha, o esporte é esforço e emoção, e o fotógrafo deve ficar de olho nisso. Um portfólio com fotos estupendas não apenas mostra o esporte favorito de uma maneira bonita, mas também nos diz algo sobre os próprios competidores. O esporte envolve gente — suor, frustração, lágrimas e triunfo. Por isso vale a pena às vezes esquecer o que os esportistas estão fazendo e se concentrar em suas expressões faciais. Aí realmente é que se vê o que estão pensando e como estão se sentindo. (HEDGECOE, 2013, p. 330).

A paciência tão necessária ao fotógrafo permite estar prepara-se para captar imagens bastante expressivas, como a apresentada na Figura 10.

Figura 10 – Captação de expressão. Foto: Saulo Roberto.



A imagem tem as seguintes configurações:

- f/4.5
- ISO 1000
- Tempo de exposição: 1/160

Estas são as principais técnicas fotográficas utilizadas neste trabalho. Ao longo desta seção, discutimos brevemente a necessidade de saber esperar para a prática de uma boa fotografia. A paciência é uma virtude essencial para todos os fotógrafos. Sabendo esperar, a possibilidade de se alcançar o “momento decisivo” de Bresson aumenta exponencialmente. Falamos também acerca da exploração das possibilidades através do conhecimento técnico como um caminho para a arte.

No capítulo a seguir, abordaremos a estrutura e a projeto visual do produto.

4. O produto

Conforme apresentado, o formato do presente trabalho é um livro físico de fotografias. Nesta seção, falaremos sobre os detalhes físicos do produto e das escolhas de elementos gráficos para a composição e construção do mesmo.

4.1. Estrutura física e divisão

As dimensões do livro são de 21 cm de largura por 21 cm de altura. A escolha por este tamanho se deu principalmente por ser de fácil manuseio, podendo ser transportado para os lugares sem dificuldades — diferentemente de outros livros do gênero que costumam ser grandes e pesados e acabam priorizando a imagem na vertical —, além de poder valorizar os dois tipos de fotos utilizados na confecção: horizontais e verticais.

No que tange à estrutura do produto, há a divisão em três capítulos mais uma seção adicional de encerramento que é a entrevista com um dos membros da banda — o vocalista Micael Belo. O livro contém os seguintes capítulos:

1. “Os bastidores”, que fala sobre as rotinas produtivas da banda, perpassando por várias situações das quais um grupo de *rock* está inserido, como planejamento, gravação, composição, ensaios e gravação de imagens para clipes. No início do capítulo há um texto verossímil sobre a gênese da Banda ARS baseado nas entrevistas concedidas pelos membros fundadores Micael Belo e Caio Vitor.
2. O segundo capítulo é onde os membros são apresentados. Para cada um deles (são quatro no total) são colocados textos que falam sobre suas respectivas relações com a música e quem são para além da música, ademais das fotografias que ilustram suas atividades em paralelo com a banda. A intenção é de fazer o leitor ter conhecimento de que as pessoas que fazem parte do mundo da música *underground* em Fortaleza têm outra vida e praticam outras atividades que não se refiram somente à música. Em ordem, são apresentados: Micael Belo, vocalista, guitarrista e produtor audiovisual; Jessé Filho, baixista e cozinheiro/padeiro; Caio

Vitor, ex-guitarrista, surfista e estudante de jornalismo; e Diego Xavier, baterista e universitário.

3. O terceiro e último é o que aborda os shows do grupo. O momento máximo para uma banda — em analogia bem ordinária, compara-se a um time de futebol, que treina a semana inteira para o jogo, que configura o ápice. Na apresentação do capítulo há um texto que situa o leitor quanto à atmosfera do “ao vivo” do grupo, além de apresentar noções sobre a identidade visual da banda.
4. Por fim, após os três capítulos, o livro é finalizado com uma entrevista no formato pingue-pongue com o vocalista Micael Belo sobre as motivações, perspectivas e futuro da ARS.

A proposta da entrevista ao final do livro é trazer um conteúdo que não foi abordado pelas fotografias nem pelos textos escritos. Escolheu-se o formato pingue-pongue — gênero de entrevista que preza por perguntas e respostas intercaladas — por trazer mais dinamicidade à leitura e mais atratividade ao leitor. Outra proposta desse gênero é apresentar a personalidade dos personagens entrevistados e trazer representações do mundo através das narrativas. (GARCIA, 2016).

Importante ainda ser ressaltado que o Caio Vitor anunciou a sua saída da banda cerca de dois meses antes da finalização do trabalho. No entanto, sua relevância na documentação do livro, tanto nas fotografias quanto nos textos, deu-se devido ao seu longo tempo de grupo (ao todo foram nove anos) e também por ser membro fundador.

Wladimir Filho, citado poucas vezes ao longo do livro, não foi anunciado como um membro fixo ou oficial até o período de fechamento do livro, em novembro de 2018. Portanto, justifica-se dessa maneira seu pouco protagonismo no trabalho. No entanto, a escolha de incluí-lo, mesmo que em ocasiões mínimas, foi tomada como uma forma de ilustrar os bastidores e as relações entre os membros.

4.2. Elementos gráficos

O primeiro elemento a ser abordado nesta seção será a paleta de cores utilizada no livro e o porquê. Na figura 10, temos uma imagem de divulgação da Banda ARS para plataformas *online*.

Figura 10 – Imagem de divulgação da Banda ARS para internet. Foto: Reprodução / Facebook¹⁶



Nela, observamos as cores utilizadas misturando tons frios e quentes. A coloração da imagem vai do azul até o amarelo. A banda afirma ter uma forte identificação com o mar e com a cidade de Fortaleza, constantemente associada com sol por ser capital do Ceará (conteúdo que pode ser observado no livro na parte da entrevista), além de ser autoproclamada uma banda de surf rock nordestino. Portanto, a paleta de cores escolhida para ser utilizada no livro é uma referência aos interesses e identificação visual da própria banda, conforme apresentada na figura 11.

Figura 11 – Paleta de cores do livro



Essas cores foram utilizadas para dar destaque aos títulos — posicionados no canto superior, na vertical e à esquerda — e também às caixas de texto preenchidas com o trecho que representa o olho, frase que é destacada do texto.

As cores foram utilizadas como forma de dar ideia às cores da luz do sol incidindo sobre o céu. No Capítulo 1 começa com um amareço mais claro, como se fosse o início do dia. O segundo o tom já é mais escuro, como um amarelo queimado, aludindo ao decorrer do dia; por fim, o último capítulo traz um tom mais alaranjado, como o crepúsculo do fim de tarde.

¹⁶ Disponível em https://www.facebook.com/pg/arsbanda/photos/?ref=page_internal. Acesso em 24/10/18.

As cores, em ordem, têm as respectivas configurações:

- 1 - 4c7da7
- 2 - 479ab8
- 3 - e2de39
- 4 - e7b837
- 5 - d17b48

A ideia é que além de referenciar o mar e o sol tão característicos da cidade de Fortaleza e da identidade da própria banda, haja também espaço para uma interpretação semiótica da coloração do céu de acordo com a posição do sol, do nascente até o poente.

As fontes escolhidas para o livro são três:

1. Viper Nora
2. Square 721 Cn Bt
3. Minion Pro

A Viper Nora foi utilizada nos títulos de cada um dos capítulos. A escolha dessa fonte se justifica pela fonte ser a tipografia oficial da banda, uma fonte sem serifa e com um visual “desgastado”.

A segunda foi utilizada nos olhos do texto. Uma fonte sem serifa recomendada para blocos de textos curtos.

Por último, a terceira foi escolhida para compor grandes blocos de texto corrido. Uma fonte serifada que auxilia na leitura por criar linhas imaginárias. O professor Luis-Sérgio Santos confirma essa tese:

Tipógrafos e impressores apontam tradicionalmente os tipos (typefaces) com serifa como mais legíveis que tipos sem serifas (Lange, Esterhuizen, e Beatty, 1993). Muitos autores também argumentam, até matematicamente que os leitores preferem serifados, porque os leem mais rapidamente, os reconhecem facilmente e a compreensão se dá num nível elevado. (SANTOS, 2013, p. 1)

Figura 12 – Página dupla do livro

Texto com
Viper Nora

OS BASTIDORES

O relógio marcava por volta das 16h30. O sol rumava ao oeste e o mar começava a subir. Naquela época, em 2009, o cenário da Praia do Icarai ainda não havia sido tão impactado pela erosão em decorrência do constante avanço do mar. Era o cenário ideal para vários surfistas da capital que iam para a praia da Região Metropolitana de Fortaleza em busca das ondas ideais. Hoje, há quem diga que, mesmo com o avanço do mar, ainda é uma boa praia para a prática do surfe devido aos ventos e às alturas das ondas.

Em cima da prancha de *bodyboard*, o jovem de cabelos castanho-claros já estava no mar realizando uma manobra após a outra. Ora ARS, ora *backflip* – manobras típicas do *bodyboarding*. A primeira é uma sigla para “Air-Roll-Spin” e consiste num giro de 360 graus enquanto o surfista voa após passar pela crista da onda; a outra, como um salto no ar.

O mesmo jovem era um amante da música. Há pouco havia começado a tocar violão e estava estudando teclado. Ouvinte de vários gêneros de música, incluindo o rock, ainda não tinha escutado nenhuma canção do gênero que tratasse sobre a temática do *bodyboarding*.

As melhores ideias parecem surgir nos momentos mais despreziosos. Enquanto estava no mar, nessa mesma tarde de surfe, alguns versos vieram à cabeça: “mar cresceu

bateu no lip: é *bodyboarding*, se tu não voa pode crer não é *bodyboarder*...”. Ao todo são 16 versos divididos em quatro estrofes. A composição base para o rap que, meses depois, seria a gênese da Banda ARS.

Ao sair do mar, o jovem chegou para um amigo e disse:

— Micael olha isso, cara. Olha só o que eu compus — disse Calo após apresentar a composição para o amigo.

— Pô, cara, eu curti muito. Anota essa letra que eu vou finalizar a música.

Durante o fim de semana que se seguiu, Micael compôs todo o resto da canção como havia prometido. Letra, melodia e arranjo. A música estava completa. A produção ainda era algo bem amador, de brincadeira. Afinal, era o primeiro contato dele com composição de um modo geral, mas dava pra ver que tinha talento para aquilo. Ali tinha nascido a primeira música: *Mar Cresceu É Bodyboarding*.

Passado um mês, Calo e Micael finalmente mostraram a composição para alguém. O escolhido era o professor de *bodyboard* Eduardo Freitas.

— Eduardo, a gente tem algo para te mostrar. Saca só — com um violão nas mãos de Calo e com a voz de Micael, tocaram a música para ele.

O professor fitou-os atento, como se estivesse concentrado, sentindo a música. Ao fim da canção, ele disse:

Texto com
Minion Pro



Texto com
Square 721 Cn
Bt

Dentre as várias tatuagens de Jansel, as que representam a cozinha e a música se destacam (11/08/2018).

Os títulos dos capítulos foram utilizados na posição vertical nos cantos superiores à esquerda da página. A justificativa se deve por ser uma influência direta do livro *Pearl Jam Twenty* (2013), desenvolvido pelo escritor e cineasta Cameron Crowe, vencedor do Óscar pelo filme citado anteriormente *Quase Famosos* (2000). No livro, ele utiliza os títulos da mesma maneira. Por se tratar de um livro documental, a proposta traz também a ideia de uma pasta repleta de arquivos e documentos quando se folheiam as páginas.

Cameron Crowe também produziu um documentário homônimo ao livro sobre a banda americana Pearl Jam, em 2011.

4.3. Fotografias

As fotografias que estão no livro foram escolhidas dentre as quase 2200 tiradas (ao todo foram 2117). Elas foram divididas de maneira a se encaixar em cada um dos três capítulos, como explicado anteriormente na seção sobre a divisão dos capítulos. As imagens são uma coletânea de fotografias captadas por mim de novembro de 2015 até setembro deste ano, justificando as ideias de Sebastião Salgado expostas anteriormente, no Capítulo 2.

Todas as imagens foram tiradas com minha câmera pessoal, uma Canon 70D — à exceção da foto do Diego Xavier com o vocalista Winston McCall, indicada como arquivo pessoal. Além do corpo, também foram utilizadas as minhas lentes 50 mm e 18-135 mm. Um

flash externo Canon Speedlite 580EX emprestado também foi usado em algumas fotografias em ambientes carecidos de luz natural.

As fotos utilizadas não representam uma linha cronológica do tempo, mas sim uma linha de situações. Não é algo com início, meio e fim. Foi preferido respeitar imagens coerentes com as situações mostradas, em vez de expô-las numa linha cronológica. É desse modo que se justifica a presença de, num mesmo capítulo, fotografias datadas de 2018 sendo seguidas por fotografias de 2016, de 2015 e finalizando novamente com imagens de 2018.

Por outro lado, na apresentação de cada capítulo foram utilizadas fotografias em preto e branco, para diferenciar das demais imagens do corpo do livro, como no exemplo da Figura 13, que é a abertura do Capítulo 1 do livro.

Figura 13 – Página dupla: abertura do Capítulo 1



As imagens também acompanham legendas que descrevem as situações, identificando locais e datas (ver Figura 12)

4.4. Título

O título do livro é *Mar Cresceu: um olhar fotográfico da Banda ARS*. A escolha desse nome se justifica pelo título fazer menção direta à música *Mar Cresceu: É bodyboarding*, primeira canção composta pelo grupo. O subtítulo, por sua vez, faz indicação sobre o tipo de trabalho — fotográfico — e sobre o objeto escolhido, a Banda ARS.

4.5. Produção

A produção do trabalho se deu com a escolha do personagem. Muitas bandas em Fortaleza poderiam ser encaixadas na situação que propus apresentar. A Banda ARS acabou por ser a escolhida justamente por ser um grupo com uma forte ligação com a cidade, tanto no aspecto sonoro, como no aspecto visual. Esse diálogo constante com o mar, com o surfe, com os elementos que fazem menção à Fortaleza (vide o exemplo do título de um dos EPs *Filhos do Dragão do Mar*), foram determinantes na escolha.

Desde o início, os membros Micael Belo e Caio Vitor foram solícitos, facilitando todas as etapas por qual o trabalho perpassou. Ambos são amigos meus de longa data, e me apresentaram os demais membros: Jessé Filho e Diego Xavier.

No dia 3 de janeiro de 2018, nos reunimos para conhecer um pouco de como seria o calendário da banda para o ano que se iniciava, numa espécie de reunião de pauta (isto foi retratado no primeiro capítulo do livro). A partir de então, passei a me reunir com mais frequência com os membros da banda. Fotografei situações diversas — ensaios, gravação de guias, reuniões, palestras — e realizei entrevistas individuais com cada um dos membros. As entrevistas serviram de base para a escrita dos textos presentes no livro.

O conteúdo das entrevistas que optei por não colocar no texto, visto que fazia mais menção à banda do que aos membros, entrou como um conteúdo de encerramento ao fim dos três capítulos no formato pingue-pongue.

4.6. Pós-produção

O processo de pós-produção pode ser definido em duas etapas: diagramação e pesquisa de gráficas para realizar a impressão do livro. Pode-se afirmar que o processo teve início, principalmente, após a captação de todas as situações relevantes que optei por registrar. Após fotografá-los e entrevistá-los — os membros da banda —, contratei uma designer gráfica para que pudesse realizar a diagramação do produto.

O projeto gráfico ficou a cargo de Ravelle Gadelha, formada em jornalismo pela Universidade de Fortaleza (Unifor), que em contato constante comigo e sob minha supervisão, fez as escolhas editoriais para a confecção do produto.

A segunda e última etapa, deu-se com a pesquisa de orçamento nas gráficas para decidir em qual estabelecimento poderia realizar a impressão do livro. Depois de muita pesquisa, optei pela Original Graph Gráfica Digital por me oferecer um serviço conforme o

desejado por um preço bom. Com capa em laminação fosca, orelhas, brochura, papel couché e no formato proposto de 21x21.

Por fim, no próximo capítulo, abordaremos como o produto respondeu à pergunta proposta.

5. Conclusão

Mar Cresceu: um olhar fotográfica da Banda ARS buscou, desde o princípio, apresentar a história do grupo de modo que mostrasse a realidade e o cotidiano de uma banda de rock na cena alternativa de Fortaleza. Muitos são os desafios enfrentados nesse cenário. Uma banda não é feita com apenas uma pessoa, mas sim com várias. Cada qual com suas especificidades e histórias. O que tornou o trabalho ainda mais prazeroso, podendo contar como pessoas, em suas particularidades, encaram um assunto em comum: a vontade de fazer música.

O trabalho, dividido em três capítulos mais entrevista, mostra o dia a dia e a rotina dos membros da banda, que buscam alinhar suas vidas e ocupações paralelas com a vida de músico. Os desafios de como conseguir verba para produzir o próprio som ou para comprar os instrumentos são algumas das dificuldades enfrentadas.

Como produto, o trabalho me propiciou um aprofundamento ímpar no quesito fazer jornalístico. Dentre as várias fases de produção do livro, houve etapas em que foi necessário marcar encontros para entrevistas, elaborar questionamentos, decupar áudios, escrever textos etc. Além de alinhar todas essas funções com a de fotojornalista, ao acompanhar durante todo esse período a jornada do grupo através das imagens registradas.

Não só o registro fotográfico em si, o trabalho me propiciou a possibilidade de abrir a cabeça para novas ideias e conhecimentos. Saber esperar. A tal da paciência tão discutida por Sebastião Salgado.

De modo geral, o trabalho apresentou a rotina dos músicos desde situações de bastidores até ocasiões mais relacionadas à música propriamente dita, como ensaios e shows. O conteúdo explorado pelas imagens perpassa diversas situações que servem para mostrar como é a rotina de uma banda. Acompanhadas pelos textos, elas tornam possível ter um conhecimento mais aprofundado sobre quem são e como fizeram para estar ali e dividir as responsabilidades com a banda. A entrevista responde questões como financiamento, inspirações e previsões para o futuro.

Percebe-se, portanto, que assim como o futebol é bem mais do que a partida, a música é bem mais do que o show ou a canção em si. Existe toda uma engrenagem por detrás para fazer aquilo acontecer. Quando se está no cenário alternativo mais ainda, pois não há

tanto suporte da indústria, onde os músicos têm que tirar, por vezes, da própria renda para financiar projetos.

Há de se ressaltar, também, a capacidade de apropriação cultural que o gênero rock possui. Numa espécie de antropofagismo cultural — expressão bastante utilizada durante o movimento modernista brasileiro, na década de 20 e que se refere aos índios canibais que comiam os seus semelhantes acreditando que poderiam absorver as características do que foi ingerido — o gênero assimila os demais estilos criando novos subgêneros e se adaptando às várias localidades onde é tocado.

As decisões editoriais da diagramação buscaram dialogar justamente com essas inspirações e aproximações da banda. Isso tanto na paleta de cores como na fonte Viper Nora, utilizada nos títulos e tipografia oficial do grupo.

A música como uma das minhas paixões para além da fotografia, me chamou atenção para a realização deste projeto. Assim como é interessante conhecer bandas da cena musical alternativa de Fortaleza. O que fazer para dá-las maior visibilidade? É esperado que com este trabalho as pessoas não vejam somente a Banda ARS como um grupo que tem uma rotina árdua para fazer o rock no estado, mas veja também que existem vários outros grupos que, assim como eles, lutam diariamente para fazer e viver da cultura.

Como jornalista, o grande desafio foi produzir quase tudo sozinho. Com exceção da diagramação, todo conteúdo criado do trabalho foi de autoria própria. Não obstante, o exercício aperfeiçoou o fazer jornalístico em mim. No meu TCC, tive a oportunidade de juntar duas das minhas paixões: música e fotografia. Portanto, é desejado que o trabalho não agregue tão somente à minha formação profissional, mas também à sociedade, de uma maneira ou outra.

Para o futuro, desejo que as pessoas vejam a cena musical local com outros olhos e valorizem mais essa profissão tão respeitável que é a de músico. Almeja-se, também, que este trabalho inspire outros estudantes a explorarem a fotografia como forma de TCC, além de incentivar outros profissionais a documentarem o trabalho realizado por grupos que fazem o rock em terras alencarinhas.

6. Referências

- ADAMS, Ansel. **The Camera**. New York: Little, Brown and Company, 2003.
- ALCÂNTARA, Araquém. **Bicho Brasil**. São Paulo: Tordesilhas, 2018.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- CARTIER-BRESSON, Henri. **The Decisive Moment**. [S. l.: s. n.], 1952.
- CROWE, Cameron. **Pearl Jam 20**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2015.
- DILG, Brian. **Fotografia – 50 conceitos e técnicas fundamentais explicados de forma clara e rápida**. São Paulo: Publifolha, 2016.
- FACHEL, Claudio. **Fotojornalismo e Legalidade (1961): Última Hora Rio-Grandense**. Porto Alegre: Medianiz, 2011.
- FILHO, R. M. A. **Movimento Cabaçal: Hibridismo, Conquistas e Barreiras no underground cearense**. 2013. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceara, Fortaleza, 2013.
- GARCIA, Pedro Piccoli. **Estratégias Narrativas em Entrevista Pingue-Pongue: Uma análise de “as 30 melhores entrevistas de Playboy”**. 2016. Trabalho apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Curitiba, 2016.
- GEORGES, Gregory; BERMAN, Larry; MAHER, Chris. **50 Fast Digital Camera Techniques**. Indiana: Wiley Publishing, INC, 2003.
- GOMES, A. T. **Música Independente no Ceará: Pelas Veredas do Rock Cearense**. 2007. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceara, Fortaleza, 2007.
- HEDGECOE, John. **O Novo Manual de Fotografia**. São Paulo: Editora Senac, 2013.
- LONGFORD, Michael. **La fotografía paso a paso**. Madrid, Hermann Blume Ediciones, 2001.
- MANSUR, Luiz Carlos. **Brasil Musical: viagem pelos sons e ritmos populares**. Rio de Janeiro: Art Bureau Editora, 1990.
- MATTOS, C.L.G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, C.L.G.; CASTRO, P.A., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83.
- MORAZ, Eduardo. **Fotografia Digital (para quem não sabe nada de fotografia)**. São Paulo: Digerati Books, 2009.
- NETO, R. C.; RAMIREZ, M. D. A. **Robert Capa: espectador e coadjuvante nos conflitos de seu tempo**. In: REVISTA DISCURSOS FOTOGRÁFICOS, 2009, Londrina. Anais eletrônico... Londrina: UEL, 2009. Disponível em

<<http://www.uel.br/revistas/uel/78index.php/discursosfotograficos/article/view/2937/2488>>. Acesso em: 31/10/18.

SALGADO, Sebastião. **Da minha terra à Terra**. São Paulo: Paralela, 2014.

SANTOS, D. M. S. *et al.* **Nevermind**: uma passagem do *mainstream* para o *underground*. Trabalho apresentado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Fortaleza, 2017.

SANTOS, L.S. **Tipografia e Legibilidade**: O desafio da mediação visual no texto escrito. [S. l.: s. n.], 2013

SOUGEZ, Marie Loup. **História da Fotografia**. Lisboa: Dinalivro, 2001.

SAULO OLIVEIRA

MAR CRESCER

Um olhar fotográfico da banda ARS

SAULO OLIVEIRA

MAR CRESCER

O vento no rosto, os pés na areia e o som do mar, somados à distorção da guitarra elétrica e as curvas de uma prancha de *bodyboard*, são detalhes que inspiram a quem se permitir. Traduzir em música um estilo de vida, foi a missão assumida.

Filhos do Dragão do Mar, crias do Icaraí... Frutos de uma geração que reverbera no Brasil e no mundo, em cima dos palcos e dentro do mar. A cultura das praias pulsou as veias de uma banda chamada ARS

Uma narrativa visual. Um carinhoso registro biográfico. Partes dessa história transformadas em um livro. Quem diria?

Bem... Eu diria que sempre quis ter uma biografia.

- Caio Vitor, fundador da Banda ARS

“*Mar Cresceu: Um olhar fotográfico da banda ARS*” é mais que um livro ilustrativo sobre o nascimento de um sonho de Micael, Jessé, Caio e Diego. O autor invade o íntimo de cada integrante da banda, além dos bastidores, e conta uma narrativa integral dos desafios e das oportunidades do grupo através dos anos.

Saulo Oliveira une o seu amor pela música e pela fotografia nesta obra e se sente completamente à vontade em ser um observador desse universo.



Saulo Roberto Nogueira de Oliveira nasceu em Fortaleza em 1996. É (quase) jornalista pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e fotógrafo. Amante de esportes e da música, tem o rock como uma das maiores referências desde a adolescência.



MAR CRESCER:

Um olhar fotográfico da banda ARS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

051m Oliveira, Saulo Roberto Nogueira de.
Mar Cresceu: um olhar fotográfico da Banda ARS / Saulo Roberto Nogueira de Oliveira. – 2018
112 f.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de
Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2018.
Orientação: Prof. Dr. José Riverson Araújo Cysne Rios.

1. Fotojornalismo. 2. Rock. 3. Surfe. 1. Título

CDD 070.4

Trabalho de Conclusão de Curso 2018.2

Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará – UFC
Instituto de Cultura e Arte (ICA)

Diretor do ICA

Sandro Thomaz Gouveia

Coordenador do Curso de Jornalismo

Ismar Capistrano

Texto

Saulo Oliveira

Fotografia

Saulo Oliveira

Orientador

Riverson Rios

Revisão

Riverson Rios

Projeto gráfico e diagramação

Ravelle Gadelha

Impressão

Original Graph Gráfica Digital

Saulo Oliveira

MAR CRESCERU:
Um olhar fotográfico da banda ARS

**Fortaleza
2018**

Aos meus pais, Paulo e Mirna, e às minhas irmãs, Roberta e Lorena, por todo suporte que me foi dado desde sempre.

À minha amada, Barbara, por todos os conselhos, palavras de conforto e apoio incondicional.

Às amizades construídas na Universidade, especialmente ao Fabrício pela solicitude.

Ao Micael, Caio, Jessé e Diego, por terem me permitido mergulhar no mar deles.

Ao meu orientador, Riverson Rios, por caminhar ao meu lado nesse projeto.

A Deus, por todas as graças e bênçãos concedidas a mim.

“Não há nada neste mundo sem um momento decisivo”, Cardinal Retz.

SUMÁRIO

Prefácio	9
Capítulo 1 – Os Bastidores	12
Capítulo 2 – Micael, Jessé, Caio e Diego.	36
Capítulo 3 – Shows ao vivo	74
Entrevista	110

PREFÁCIO

Sob o foco de holofotes e dezenas de milhares de pessoas, um único palco. Guitarra elétrica, baixo, bateria. E um microfone nas mãos da figura central. A cena se repete: Wembley, festivais de escola, Madison Square Garden, garagens ou o Parque Olímpico. Os ambientes que recebem shows de rock, independentes da magnitude, são variados, mas têm em comum a vibração, a energia e a motivação dos que fazem e apreciam o *rock n' roll*, simultaneamente ou não.

Nascido nos Estados Unidos da década de 50, o rock é um gênero musical originado do também americano *jazz*. Desde então, expandiu-se ao redor do globo e assimilou, em seu estilo sonoro, vários elementos de outras culturas. No Ceará, existem bandas que integram a cena alternativa desde meados dos anos 90 e incorporam esses estilos como uma forma de fazer o rock no estado.

Um movimento que contribuiu bastante para o desenvolvimento do rock cearense de forma genuína, abandonando a reprodução daquilo que vinha de fora, foi o Movimento Cabaçal, no início dos anos 2000. A proposta se baseou na criação de novas músicas tendo como referência tradições populares, linguagens múltiplas e instrumentos regionais, como o triângulo e a zabumba. As bandas precursoras do movimento são SoulZé, Jumentaparida, Dona Zefinha e Dr. Raiz.

Mas como é a rotina desse grupo? Quem são as pessoas responsáveis por isso? Quais atividades essas pessoas realizam paralelamente à música? Tais questionamentos embasaram o presente trabalho, que tem como objetivo mostrar, através de fotografias, a história, a realidade e o cotidiano desse grupo no estado como produto do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A banda escolhida foi a ARS, oriunda da Praia do Icarai com pouco menos de dez anos de criação, e que mescla a melodia da praia com a sonoridade roqueira, autointitulando-se uma banda de *surf rock* nordestino. Para a realização deste trabalho, mergulhei na realidade da banda acompanhando sua rotina, seus ensaios e seus shows ao longo de três anos. O resultado é um livro de fotografias batizado de *Mar Cresceu: um olhar fotográfico da Banda ARS*. O título foi inspirado pela canção homônima da Banda ARS, que discorre sobre a prática do *bodyboard*.

Um grupo múltiplo não só na abordagem ao rock, mas também nas histórias de cada um de seus membros, que com suas singularidades dão o tom único da banda.

A obra explora os bastidores de um recorte do amplo cenário musical de Fortaleza, ilustrando o dia a dia, as inspirações e os desafios da banda e seus membros na cidade alencarina.



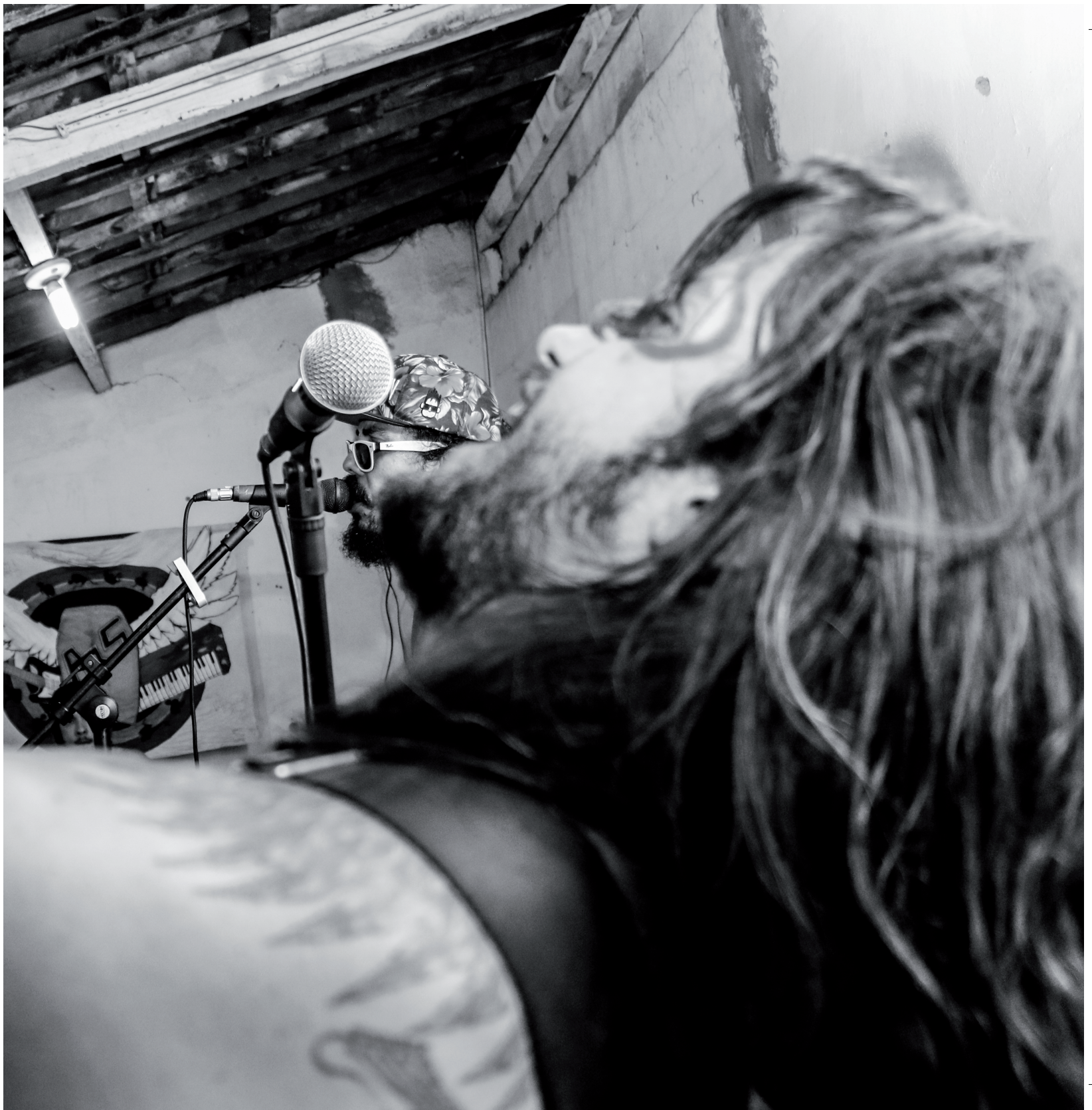
“

QUANDO ESTOU LÁ NO MAR
ME BATE UMA ALEGRIA
AS ONDAS E EU
EM PERFEITA SINTONIA”

A black and white photograph of the ocean surface. The water is dark with white foam from breaking waves. A small portion of a surfboard is visible on the left side of the frame. The text is overlaid in the bottom right corner.

**MAR CRESCEU: É BODYBOARDING,
BANDA ARS**

CAPÍTULO 1



OS BASTIDORES

O relógio marcava por volta das 16h30. O sol rumava ao oeste e o mar começava a subir. Naquela época, em 2009, o cenário da Praia do Icarai ainda não havia sido tão impactado pela erosão em decorrência do constante avanço do mar. Era o cenário ideal para vários surfistas da capital que iam para a praia da Região Metropolitana de Fortaleza em busca das ondas ideais. Hoje, há quem diga que, mesmo com o avanço do mar, ainda é uma boa praia para a prática do surfe devido aos ventos e às alturas das ondas.

Em cima da prancha de *bodyboard*, o jovem de cabelos castanho-claros já estava no mar realizando uma manobra após a outra. Ora ARS, ora *backflip* – manobras típicas do *bodyboarding*. A primeira é uma sigla para “*Air-Roll-Spin*” e consiste num giro de 360 graus enquanto o surfista voa após passar pela crista da onda; a outra, como um salto no ar.

O mesmo jovem era um amante da música. Há pouco havia começado a tocar violão e estava estudando teclado. Ouvinte de vários gêneros de música, incluindo o rock, ainda não tinha escutado nenhuma canção do gênero que tratasse sobre a temática do *bodyboarding*.

As melhores ideias parecem surgir nos momentos mais despreziosos. Enquanto estava no mar, nessa mesma tarde de surfe, alguns versos vieram à cabeça: “mar cresceu

bateu no lip: *é bodyboarding*, se tu não voa pode crer não *é b.boarder...*”. Ao todo são 16 versos divididos em quatro estrofes. A composição base para o *rap* que, meses depois, seria a gênese da Banda ARS.

Ao sair do mar, o jovem chegou para um amigo e disse:

— Micael, olha isso, cara. Olha só o que eu compus — disse Caio após apresentar a composição para o amigo.

— Pô, cara, eu curti muito. Anota essa letra que eu vou finalizar a música.

Durante o fim de semana que se seguiu, Micael compôs todo o resto da canção como havia prometido. Letra, melodia e arranjo. A música estava completa. A produção ainda era algo bem amador, de brincadeira. Afinal, era o primeiro contato dele com composição de um modo geral, mas dava pra ver que tinha talento para aquilo. Ali tinha nascido a primeira música: *Mar Cresceu: É bodyboarding*.

Passado um mês, Caio e Micael finalmente mostraram a composição para alguém. O escolhido era o professor de *bodyboard* Eduardo Freitas.

— Eduardo, a gente tem algo para te mostrar. Saca só — com um violão nas mãos de Caio e com a voz de Micael, tocaram a música para ele.

O professor fitou-os atento, como se estivesse concentrado, sentindo a música. Ao fim da canção, ele disse:



Caio Vitor, membro fundador da Banda ARS, com o EP *Filhos do Dragão do Mar* em mãos (01/02/2018).

— Meu irmão, vocês vão tocar essa música no show do meu irmão próximo mês, na Praia da Taíba, durante o campeonato de surfe. Não quero nem saber! Coloquem um nome para a banda de vocês e toquem.

O irmão de Eduardo Freitas chama-se Paulinho Freitas e é um músico já conhecido pelo público do *surf music* da cidade de Fortaleza. Atualmente mora em Florianópolis, mas ele estaria na Taíba para apresentação na final de um campeonato de surfe local.

Quando o professor levantou a possibilidade de os dois amigos tocarem para outros amantes do surfe e desse gênero musical, a adrenalina, a ansiedade e o nervosismo bateram. Iriam tocar para aqueles que eram como ídolos para eles.

— Micael, nós não podemos tocar somente uma música — afirmou Caio

— Cara, a gente pode pegar algumas músicas do Forfun e do Charlie Brown e tocar — respondeu.

— Mas somente músicas *covers*? A gente vai tocar junto com o Paulinho Freitas e só temos uma música?

— Então a gente pode pensar outras músicas — replicou Micael.

E assim, os dois compuseram outra música. Mais uma canção que falava sobre surfe.

No dia da apresentação, subiram ao palco na metade do show de Paulinho Freitas. Tocaram três músicas. Dentre elas, aquela composição que foi iniciada na tar-

de de surfe do Caio. A melodia e o ritmo de Mar Cresceu: É Bodyboarding encantaram o público presente de tal maneira que, após o show, vários surfistas que assistiram à apresentação solicitaram permissão dos dois para utilizarem a canção em vídeos sobre surfe.

Já pela noite, de volta ao Icarai, os dois estavam sentados na praia, trocando ideias e conversando sobre o dia que tiveram, repleto de boas surpresas.

— Caio, tu tem ideia de que foi o nosso primeiro show autoral e as pessoas se amaram? — indagou Micael encantado com o que tinha vivenciado.

— Foi bem mágico! — replicou Caio

— É isso o que eu quero pra minha vida!

— Eu também.

— Vamos botar pra frente? — indagou

E então Caio fez um gesto afirmativo com a cabeça, concordando com a ideia.

“

Caio, tu tem ideia de que foi o nosso primeiro show autoral e as pessoas amaram?”

Micael Belo, vocalista e guitarrista da ARS

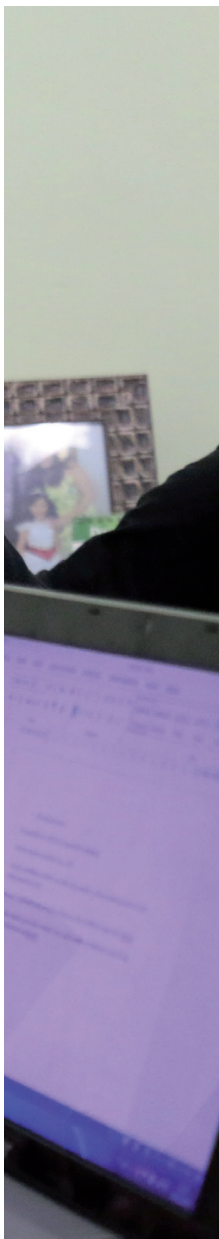
O texto aqui apresentado é a história verossímil sobre a gênese da Banda ARS com base no depoimento do líder e cofundador da banda Micael Belo, além de ser o único membro original na composição atual. Oriunda da Praia do Icarai e fundada oficialmente em 2009 numa parceria com o ex-membro Caio Vitor, o nome do grupo é uma homenagem a uma das manobras típicas do *bodyboarding* – cuja relação com o esporte é bastante estreita.

Na concepção da banda, atribuiu-se também outro valor para a sigla ARS, cujo significado é “Amigos, rock e surfê”.

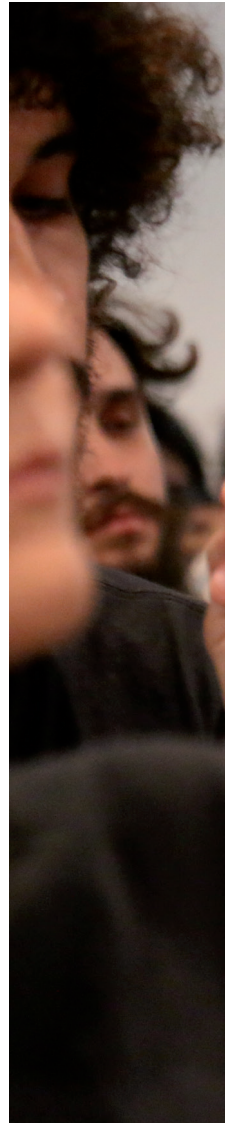
Em 2013, a banda lançou o seu primeiro trabalho, cujo nome referencia esse valor atribuído ao nome: o EP *Amigos, Rock & Surf*. O sucessor foi o EP *Filhos do Dragão do Mar*, lançado no ano de 2015. Em 2018, a banda trabalha na produção do seu primeiro álbum, intitulado *Do asfalto à praia*.







Reunião de planejamento da banda para o ano de 2018 com o produtor artístico Tiago Saatman (03/01/2018).





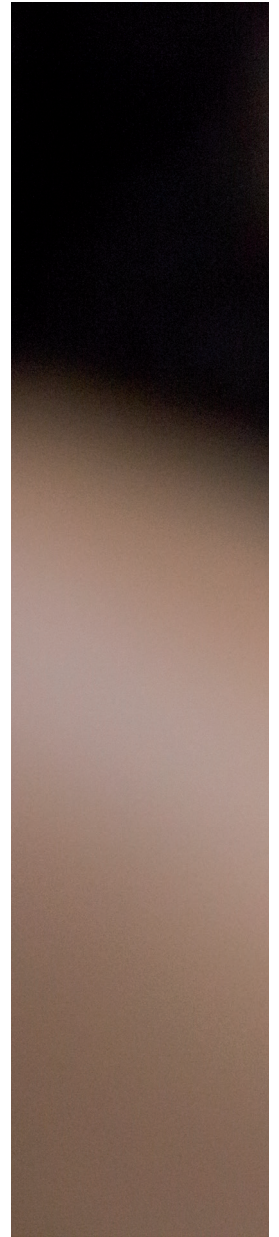
Caio Vitor esteve presente na palestra sobre distribuição digital de música realizada no auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (15/01/2018).



Acima, a decoração da parede do quarto do vocalista Micael Belo que conta com pisca-piscas, plantas, placa, concha e um relógio com fotografia da banda. À direita, gravação de guias para as músicas da Banda ARS (05/04/2018).



Ensaio da banda no estúdio da casa do Caio (09/05/2018).









VIVÊNCIA

WEAS

Tom: Bm (Bm; Em; F#)

Andamento: 92

(Verso 1)

Acordei para ver o nascer do sol
Olhei para ele, abri os braços
E deixei a luz entrar
Senti a sensação de um abraço teu
Deixei o sorriso fluir, a luz sair
A ordem é irradiar

Por onde eu passar a vida vai me ensinar
Cabeça feita e os sentidos apurados
Pra colheita
Eu e o mar em uma sinapse perfeita
Natureza nossa mãe
Quem é sábio te respeita

Perfume bom, aroma suave
Acende o green
Deixa a chama ascender
E a alma transparecer que no fim
Toda nossa experiência
Trará a tona nossa essência Consciência,
consequência
Muito mais do que aparência

Vivência sempre falará na frente
Pois se a fé sem obras está morta
Quem dirá suas filosofias
Suas leis e suas ideologias
Que beneficiam só vocês
E prejudicam a maioria

Minha mãe me ensinou que se estou vivo
Me manter sempre de pé é o objetivo
Não abaixar a cabeça
Pra desafio nenhum
Me armo de amor no som
Pois nesse mundo somos um

(Pré-Refrão)

(Refrão)

Eu vim de baixo e aonde eu quero chegar
A cada passo mais perto posso enxergar
Consciência elevada, tiro os meus pés do chão
Transcendo qualquer barreira
Na velocidade do som

(Passagem)

(Verso 2)

Os mutantes mudaram minha forma de ouvir
Transmutando sentidos, polisenso vive em mim
Cabeças sujas, muitas vezes lavaram minha alma
Fazendo o bem, Jorge Ben
Fez a tábua de esmeraldas

Abstrai a mente e deixei pra trás
Toda forma de existir que tirava a minha paz
Aprendi porque vivi e não porque me disseram
Nem sempre o satisfaz é aquilo que eu quero

Na fluidez do som, achei minha harmonia
Como quem cria e não copia, aprendo a cada dia
Militantes da contra-cultura
Traficamos ideologias
Faça bom uso, use ou não drogas
Aproveite bem o seu dia

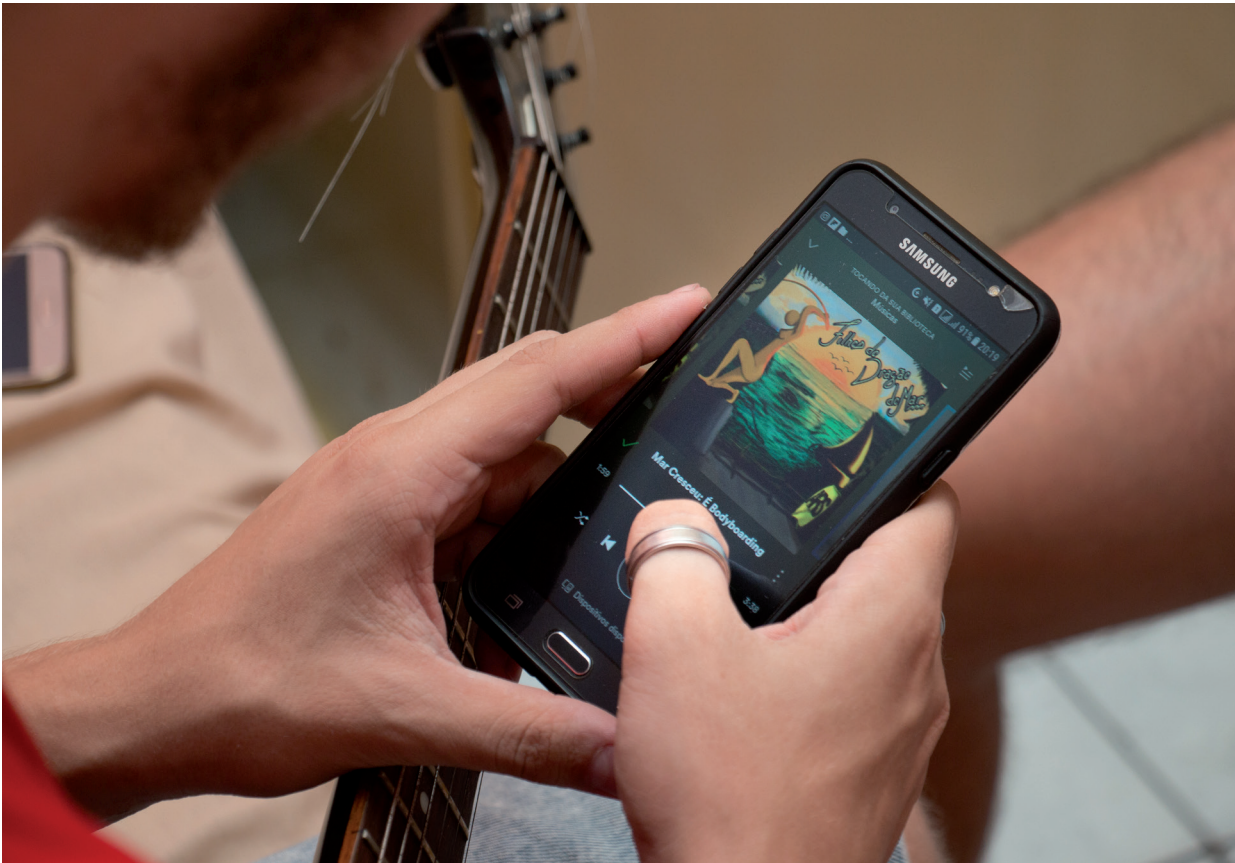
Na vala da praia, no alto da serra
Sob o sol do sertão, a caminho do mar
E não mais que de repente
Viram nascer o meu Ceará

No rap repente aprendi com o oriente
Que se diz "oxente" não tem blá blá blá
Sigo os meus sonhos, vivo o que componho
E vamos ver no que isso vai dar

(Pré-Refrão)

Não há ninguém melhor que ninguém aqui
Ninguém melhor que ninguém em

} FLOW



A banda aproveitou o ensaio
para a captação de imagens
para o *webclip* da música
Mãe do Willian (23/05/2018).









Após anunciar a saída da banda, Caio ensina as notas e acordes das canções para o músico Vladimir Filho (30/08/2018).





CAPÍTULO 2



MICHAEL

Seu nome é Micael Ferreira de Azevedo Belo. Belo não só no sobrenome, mas também no talento para a arte. Talento, este, que se desenvolveu desde cedo, ainda na infância, quando ganhou uma flauta doce de presente e foi autodidata, aprendendo a tocar “só de ouvido”. A arte não se restringe somente ao campo sonoro. Além de musicista (é vocalista e guitarrista da banda ARS), atua no campo do audiovisual como fotógrafo e *videomaker* e também na produção de eventos, atividades que escolheu como profissão complementar. No currículo, estão clipes produzidos para bandas da cena local de Fortaleza como Projeto Rivera, Camila Marieta e Conduta Positiva. Destaca também o cargo de Diretor de TV do Fifa *Fan Fest* e do Ano Novo de Fortaleza.

Não lembra ao certo quando teve o primeiro contato com a música, só sabe que na faixa dentre os seis e oito anos a dita flauta despertou-lhe o interesse. Já na adolescência, ganhou um violão e começou a tocar com os amigos da escola e desde então não parou mais. Foi nessa mesma época que também começou a surfar de *bodyboard* na Praia do Icarai. Assim, de forma despretenhiosa, a sua jornada alinhando a música e o surfe foi iniciada.

Hoje, aos 27 anos, divide o tempo entre as três funções. Apesar de parecer sobrecarregado de atividades, ele afirma que as atividades se entrelaçam de alguma maneira, tornan-

do-as mais acessíveis do ponto de vista do tempo. “Como são trabalhos flexíveis, uma coisa não atrapalha a outra. Eles acabam se complementando e tudo que aprendo com a fotografia e o audiovisual eu transmito para a música de alguma maneira”, explica Micael.

Diante desse conhecimento no campo do audiovisual, a própria banda acaba por ser beneficiada. Micael é o encarregado de realizar a direção de fotografia e de clipes da banda. “Ainda temos alguns clipes por fazer. Mas eu produzo os roteiros e faço parte da direção. A gente já tem, no Youtube, um clipe da música ‘Mar Cresceu: É bodyboarding’ que foi num show que a gente fez no Órbita Bar. Além da direção, eu também fiz a edição”, afirma.

Estudioso da música

Por trás de todas essas atividades, ainda existe o lado dedicado à prática e à teoria.



Tudo que aprendo com a fotografia e o audiovisual eu transmito para a música de alguma maneira”

Micael Belo, vocalista e guitarrista da ARS



Quando não está com o microfone ou a guitarra nas mãos, a câmera é a companheira de Micael (01/07/2018).





Durante o Festival Cabeçada, realizado no Órbita Bar, e fotografando a apresentação da banda Sulamericana (01/07/2018).

Empregando a música como estilo de vida, ele estuda o campo em várias vertentes.

Às terças-feiras, das 13h às 14h, analisa a teoria musical e das 15h às 17h ensaia com a Orquestra da Escola de Arte, Cultura e Tecnologia Casa de Vovó Dedé – ou só Casa de Vovó Dedé – uma instituição sem fins lucrativos, na Barra do Ceará, e que foi fundada em 1993. Às quartas-feiras, dedica duas horas para a prática da viola, outro instrumento que toca. Nas quintas-feiras, ensaia durante duas horas com a orquestra e pratica mais uma de violão.

Por fim, aos sábados, são mais 120 minutos de ensaio com a orquestra e o mesmo tempo para as aulas de coral. Todas as atividades são realizadas no mesmo local onde ensaia com a orquestra, na Casa de Vovó Dedé. Nos demais dias da semana, ainda dedica de 30 minutos a seis horas diárias de estudo da música, a depender do trabalho. Geralmente pela manhã e em casa.

Influências

As músicas nacionais e internacionais sempre instigaram a prática de alguns acordes musicais no violão preto que ele tinha. “Que país é esse” e “Come as you are”, de Legião Urbana e Nirvana respectivamente, foram as primeiras músicas que ele aprendeu a tocar na íntegra. “Eram as duas clássicas! Quando eu peguei mais prática, eu já conseguia tocar Charlie Brown, Linkin Park e



Na Praia do Icaraí, berço da ARS (03/02/2018).



Paralamas do Sucesso. E eu também gostava muito de tocar MPB”, pontua. O hino nacional brasileiro sempre fez parte do repertório de músicas que ele tocava quando estava numa roda de amigos com o violão.

“Nós não morreremos jovens”

Intitulada “We Die Young”, uma das canções da banda norte americana de *grunge* rock Alice in Chains, fala justamente sobre a morte precoce (de ícones da música). Para ser mais específico, várias dessas estrelas da música morreram aos 27 anos por causas diversas. Jim Morrison, Janis Joplin, Jimmy

“

Eu vou passar dos 27”

Micael Belo

Hendrix e Kurt Cobain são alguns dos exemplos. O próprio compositor da música, Layne Staley, também morreu jovem, aos 34 anos.

Felizmente esse não é o caso do Micael. No fim da jornada, ainda sobra tempo para brincar com a sina da idade. “Eu vou passar dos 27”, finaliza com uma gargalhada e um sorriso no rosto.





Apresentação com a ARS no Festival Garage Sounds realizado na Praça do Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (08/07/2017).

JESSÉ

Massa artesanal, molho de tomate, bacon fatiado e cebola cortada em picadinho. Era o que estava sobre a mesa enquanto ele contava a sua história e os seus planos como músico. Com a vestimenta típica de quem trabalha numa cozinha, a doma, e um rolo compressor na mão, ele fazia movimentos de vai e vem na massa até deixá-la com um formato circular e fino tão característico da pizza. Nos braços tatuados, duas figuras específicas chamavam atenção: uma caveira com chapéu de cozinheiro e uma nota musical. Depois de dispor os ingredientes sobre a massa, leva-a ao forno e lá deixa por mais ou menos 20 minutos até ficar pronta.

Funcionário de cozinha desde os 14 anos, Jessé Filho é o caçula de uma família de cozinheiros – pai e mãe, tem também uma irmã mais velha que escolheu a Biologia como profissão – mas foi com o padrinho Claudiene que aprendeu a fazer o primeiro pão carioquinha. “Quando eu entro na cozinha não tem essa de ‘não sei fazer’”, afirma. Hoje, aos 22, é sabido que o talento inerente a ele não se restringiu somente à cozinha. O filho do Seu Jessé também é “músico da vida”, como ele mesmo se intitula. Multi-instrumentista, toca bateria desde os dez anos e aos 15 comprou sua primeira guitarra, outro instrumento pelo qual tem bastante afeição. O modelo ele ainda recorda, era uma Telecaster preto e branca da

modesta Groovin, considerada uma marca de entrada para músicos. Porém, é a sua relação com o baixo que chama atenção.

O desinteresse, o ego e a falta de empatia para com o baixo não lhe permitiam tocar tal instrumento. Para uma profissão não tão valorizada como a de músico, segundo o próprio, ele queria ser pelo menos alguém de maior evidência numa banda. Tinha na mente que baterista ou guitarrista eram funções mais destacadas. Mas o destino o contrariou. Em 2015, a menos de um mês do Curto-Circuito, festival estimulante da música autoral na cena local e promovido pelo tradicional Órbita Bar, em Fortaleza, a ARS foi desfalcada pelo então baixista que deixou a banda alegando não estar mais interessado naquela rotina.

Entrada na Banda

Jessé já era conhecido da banda por ajudar com a preparação do palco desde shows anteriores, e com a posição de baixista vacante foi convidado a assumir o espaço. No entanto, havia um porém.

Baixo nunca foi um instrumento pelo qual ele tivesse estima e muito menos que soubesse tocar. Aceitou o convite mesmo assim. Diante disso, saiu do então emprego de cozinheiro e passou a dedicar seu tempo aos estudos do instrumento por 12h diárias até o dia do show. “Aprendi a tocar todo o repertório em menos de um mês.

Dentre as várias tatuagens de Jessé, as que representam a cozinha e a música se destacam (10/08/2018).





“

Aprendi a tocar todo o repertório em menos de um mês. Mas foi só aprender a tocar, porque baixista mesmo eu só me tornei depois”

Jessé Filho, baixista da ARS

Mas foi só aprender a tocar, porque baixista mesmo eu só me tornei depois”, afirma.

O primeiro show de Jessé com a banda foi no dia 3 de outubro de 2015 no Toca Good Garden, no bairro Bom Jardim, com um público de aproximadamente 30 pessoas.

Baixo e música

O sentimento que ele tinha pelo baixo deu um giro de 180 graus. O instrumento que para ele era mais desgostoso tornou-se uma grande paixão.

Diariamente, estuda a teoria e a prática musical por oito horas. Antes alternava entre a guitarra e o baixo, dois instrumentos de cordas. A diferença entre os dois está no número de cordas e no som produzido. Enquanto a guitarra possui seis cordas e um som mais estridente, o baixo tem um braço alongado com quatro cordas e um som mais grave. Hoje, ele afirma ter dias que não

chega nem a pegar mais na guitarra, tamanha virou seu apreço pelo instrumento de quatro cordas.

Se a cozinha é o seu ambiente de trabalho, o palco é a sua casa e a música é “quem ele é”. Começou a trabalhar almejando comprar os próprios instrumentos. Hoje, realiza consultorias gastronômicas para cozinhas e também é músico autônomo tocando na noite de Fortaleza.

Ele tem também o objetivo de montar um *home studio* para ensaiar e gravar com a banda, que é tida para ele como uma segunda família.

A pizza começou a cheirar. Passados vinte minutos, tirou a bandeja do forno e colocou-a sobre a mesa. Cortou a pizza em oito pedaços. Pôs também os pratos e os talheres. Se preferires, tem guardanapo. Pronzinho! Sirva-se da arte de Jessé Filho. Seja ela na cozinha ou na música.

No quarto, repleto de instrumentos musicais, e com a "mão na massa" (10/08/2018).







Preparando a massa de pão e de pizza (10/08/2018).







CAIO

Cabelos longos e castanhos claros, tatuagem nas costas com o símbolo da banda e um sorriso simpático no rosto. Caio Vitor, 24, é estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) e trabalha atualmente na Assessoria de Comunicação da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude (CEPPJ) da Prefeitura de Fortaleza. Foi, por nove anos, guitarrista, tecladista e membro fundador da Banda ARS.

Desde os 13 anos de idade ele é um adepto do surfe e da música. Foi com essa idade que começou a surfar de *bodyboard*. No mesmo ano, ganhou um violão de presente do pai, dando início ao seu interesse no campo musical. Fez aulas de violão, mas não era dos melhores. “Por várias vezes amigos me desestimularam dizendo que eu não tinha jeito para aquilo”, afirma Caio. Mesmo com as críticas, a força de vontade era maior.

Aos 15 anos, entrou para o Instituto Federal do Ceará (IFCE) para cursar ensino médio e técnico em telecomunicações. Ademais, era preciso também fazer algum tipo de arte como atividade complementar. “Tentei me matricular no violão para aprender de fato, mas as vagas já tinham sido esgotadas. Como teclado era o único instrumento que era ofertado além do violão, me inscrevi nele, mesmo não sabendo tocar nada”, explica.

O engajamento na época foi perceptível a ponto de chamar a atenção do pai que, mais uma vez, o presenteou com um instrumento, dessa vez um teclado. “Era um CSR K2000T, um teclado para iniciantes, alguns timbres pareciam até de brinquedo”, lembra. Depois disso, o interesse no estudo da música só se intensificou. Na mesma época, durante uma tarde de surfe na Praia do Icaraí, juntou essas duas paixões e compôs o *rap* que compõe a música “*Mar Cresceu: É Bodyboarding*”, o pontapé inicial para o que viria se tornar a ARS.

Uma banda de rock do Rio de Janeiro chamada Forfun teve forte influência musical na vida de Caio. “Como o teclado era mais difícil de transportar, eu comprei uma escaleta, um instrumento de sopro com um

“

Como teclado era o único instrumento ofertado além do violão [como atividade complementar], me inscrevi nele, mesmo não sabendo tocar nada”

Caio Vitor, fundador e ex-membro da ARS



ARS marcada na pele; ao fundo, a guitarra com formato de pé de pato (30/08/2018).



Caio Vitor durante apresentação
com a ARS no Festival Garage
Sounds (08/07/2017).

“

Embora fosse uma rotina desgastante, tocar com a banda sempre foi uma atividade prazerosa”

Caio Vitor

som semelhante ao do teclado e que era uma forma de poder levar esse som para ambientes abertos. Foi quando comecei a ouvir muito essa banda e vi que eles tinham uma sonoridade que misturava o teclado e a guitarra, e que os próprios músicos tocavam os dois. Pronto, foi aí quando decidi que também ia tocar guitarra” explica.

Banda e trabalho

A partilha do tempo entre a banda e as demais ocupações sempre existiu. Desde quando a banda foi formada, Caio sempre esteve imerso em outras responsabilidades, mas os objetivos eram claros para ele. “No início, eu estava terminando o ensino médio e logo entrei na faculdade. Desde então, tive várias atividades ligadas à comunicação. Já cheguei a trabalhar também como auxiliar de monitoramento na empresa Corpvs e de motorista da Uber, todos focados em conseguir dinhei-

ro para financiar projetos da banda”, afirma. Ele ainda completa que “embora fosse uma rotina desgastante, tocar com a banda sempre foi uma atividade prazerosa”.

O dinheiro arrecadado para os projetos musicais era investido em equipamentos e gravações. Dentre os custos, Caio comprou uma guitarra modelo SG de cor vermelha, considerada muito importante, segundo o mesmo, por ter-lhe rendido boas apresentações. Algumas pedaleiras, de cujos modelos ele não recorda e um outro teclado, um Yamaha PSR E423. Mas além da rotina cheia mencionada por ele, outros entraves vieram a acontecer, como o roubo da aparelhagem. “Estava ocorrendo uma obra no terreno atrás da minha casa. Acabamos deixando o estúdio aberto, entraram e levaram todo o meu equipamento com exceção dos teclados”, lamenta Caio.

Por conta desse episódio, ocorrido em julho de 2017, ele passou a tocar com instrumentos emprestados. Tanto em ensaios quanto em shows, eram sempre guitarras e aparelhagem cedidas por terceiros. Diante da falta de equipamento pessoal, ele descobriu um *luthier* – profissional especializado na construção de instrumentos de cordas – que fabrica guitarras personalizadas em Fortaleza e encomendou uma com o corpo em forma de pé de pato de cor azul e amarela, fazendo alusão ao estilo visual adotado pela banda.

Saída da banda

Quando questionado sobre o que a música representa para si, ele para, pensa por alguns segundos e enumera em seguida: “um estilo de vida, uma forma de expressão, liberdade, criatividade e conexão”. A Banda ARS foi a “junção desse universo de forma materializada”.

Desde 2015 tocando o mesmo *setlist* – período que coincidiu com o lançamento do segundo EP da banda intitulado “Filhos do Dragão do Mar” – composto por sete canções, o sentimento foi de estagnação, segundo Caio. “A ARS é o reflexo da música para mim, e vê-la nessa situação me desgastou muito no sentido de representação da música”, pontua. Ele acrescenta que há três anos novas canções vinham sendo compostas e trabalhadas, no entanto não chegaram a ser gravadas. De acordo com ele, essa “verdade” acabou sendo negligenciada pelos próprios membros da banda, o que levou à dissintonia dele com os membros e a banda.

Ao todo, foram nove anos de trajetória. Tempo suficiente para que a banda se tornasse uma representação da própria vida, de acordo com ele. Caio Vitor transita agora por outro caminho: o da Comunicação. Concludente do Curso de Jornalismo, pretende continuar na Assessoria CEPPJ. No entanto, a ARS sempre se fará presente na mente e gravada na pele, ou melhor, nas costas.







Surfe na praia do Icaraí
(01/02/2018).







DIEGO

Na Biblioteca Central do Campus do Pici, um estudante busca um livro específico que o auxiliará no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Diego Xavier Bezerra, 23 – ou simplesmente Dieguinho – é estudante do Curso de Ciências Ambientais na Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista do programa Índice de Secas da Agência Nacional de Águas (ANA), da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme). É também baterista da Banda ARS.

Para compreender a entrada de Diego na ARS, antes de tudo, é necessário voltar cerca de cinco anos no tempo. Em setembro de 2014, ele cruzou o Pacífico e desembarcou na Costa Leste da Austrália, na cidade de Brisbane, capital do estado de Queensland, para a realização de intercâmbio estudantil. Na universidade que leva o mesmo nome do estado, ele cursou quatro meses de inglês e, em seguida, estudou por dois semestres disciplinas equivalentes ao seu curso superior.

No entanto, a relação com o país da Oceania não se restringiu apenas ao campo da educação. Ademais dos estudos, ele também tinha tempo para o trabalho. Por aproximadamente um mês e dez dias, Diego e mais um amigo também brasileiro – responde pelo nome de Jorge – trabalharam em uma fazenda de algodão. Naquele vasto campo de plantação, o trabalho braçal predominava, e, por várias vezes, ele se via



Na Biblioteca Central do Campus do Pici da UFC buscando um livro que o auxilie com o TCC (30/08/2018).



sozinho diante da imensidão. Para burlar o isolamento espacial, estava sempre com os fones nos ouvidos, escutando música. “Se tornou uma aliada para mim. E trabalhando com o cultivo durante o dia todo debaixo do sol quente, você pensa em muita coisa e foi lá que eu percebi que gostava muito de música”, explica Diego.

Apesar do trabalho cansativo, “o dinheiro era bom”. Segundo ele, conseguia fazer cerca de \$900 semanais na moeda local – aproximadamente R\$ 2.600,00 –, com uma jornada diária de oito horas. Foi com esse mesmo trabalho na fazenda que ele conseguiu salvar um dinheiro que lhe desse a oportunidade de viajar pelo país. Foi quan-



do soube que a Parkway Drive ia tocar em Byron Bay, cidade a cerca de 170 quilômetros de distância de Brisbane.

Parkway Drive e ARS

A Parkway Drive é uma banda australiana de *metalcore* formada em 2002 na cidade de Byron Bay. Além de músicos, os membros são surfistas de *bodyboard*. O vocalista Winston McCall já chegou a afirmar que, se não fosse músico, gostaria de ser atleta profissional de *bodyboard*.

A conexão de Diego com a banda não era apenas pelo apreço musical, mas também pelo esporte praticado em comum. “Lembro quando ia surfar com o Caio na Praia do Icaraí, a gente sempre ouvia as músicas deles antes de entrar no mar. Quando soube do show, poupei dinheiro, peguei o carro e dirigi por três horas até chegar em Byron Bay”, afirma.

Ainda segundo Diego, o show foi bem intimista. Durante a apresentação, o vocalista chegou a descer do palco algumas vezes para cantar com o público. Após o fim do espetáculo, Diego, que carregava uma mochila nas costas, conseguiu trocar algumas palavras com Winston. Naquela época, o primeiro EP da ARS – intitulado “Amigos, Rock & Surf” – já havia sido lançado. E dentro da mochila havia uma cópia do EP da banda. Ele tinha levado alguns exemplares para divulgar durante sua estadia na Austrália.

“Eu falei pra ele que era do Brasil e ele ficou surpreso. ‘Do Brasil? O que você tá fazendo aqui, cara?’. Ele tava bem impressionado por isso. Eu lembro que nesse momento eu tirei o CD da ARS e entreguei pra ele, dizendo que era de uns amigos do Brasil que também eram muito fãs dele, e ele achou irado. Depois disso eu tirei uma foto com ele. Não sei se ele chegou a ouvir, mas eu dei”, brinca Diego. “De-

“

[A música] se tornou uma aliada para mim. E trabalhando com o cultivo durante o dia todo debaixo do sol quente, você pensa em muita coisa e foi lá que eu percebi que gostava muito de música”

Diego Xavier, batedor da ARS

pois de tudo, eu não estava acreditando que tinha feito isso e mandei a foto pro Caio. Ele também ficou incrédulo. ‘Mentira que você fez isso!’ Foi incrível”, conta.

Volta ao Brasil

O intercâmbio na Austrália se encerrou em março de 2016. Após um ano e cinco meses no outro lado do mundo, Diego voltou para o Brasil com ainda três meses de folga pela frente, pois o semestre letivo já havia começado. Os campos de algodão o fizeram pensar em muita coisa. Dentre os pensamentos, a paixão pela música havia se tornado uma certeza, e com ela veio a vontade de aprender um instrumento.

Desde os 11 anos de idade ele tinha um violão que lhe fora dado pela mãe. Sempre o manteve ali no quarto. Chegou a fazer aulas, mas nunca terminou. “Eu nunca tomei gosto pelo violão. Tocava apenas como brincadeira”, explica. Mas foi logo na volta ao Brasil que descobriu por qual instrumento ele tinha mais afeição. Naquela época, a ARS estava sem baterista. “O Micael (vocalista da ARS) chegou para mim e disse ‘você quer aprender bateria? A gente tá sem baterista e estamos querendo alguém para treinar e como você é amigo da gente, te arrumamos um professor’. Eu achei irado. No momento eu não poderia focar somente na banda porque eu também tinha a faculdade, mas eu aceitei”, conta Diego.

A partir disso, Micael Belo passou a prestar serviços ao músico Juscelino Blow, baterista conhecido na cena musical de Fortaleza, em troca de aulas para Diego. “O Micael tinha feito uma permuta: ele ofereceu fotografar e filmar para as bandas dele e, em troca, ele (Blow) daria aulas para mim”, revela. Depois disso, Diego passava duas horas semanalmente tendo aulas de bateria pelo período de seis meses até oficializar a sua entrada na banda, no início de 2016.

Depois de procurar por alguns minutos na biblioteca, finalmente Diego encontrou o livro que procurava. *Digital Cartography* – ou Cartografia Digital, na versão em português – do Robert G. Cromley era o título desejado. Agora é momento para outras atividades além da banda. Afinal, Dieguinho também é universitário concludente. Logo mais, não será apenas musicista, mas também biólogo ambientalista.

“

O Micael tinha feito uma permuta: ele ofereceu fotografar e filmar para as bandas dele e, em troca, ele daria aulas para mim”

Diego Xavier



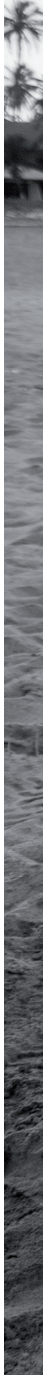
Arquivo pessoal

Com o vocalista Winston McCall, da Parkway Drive, após o show da banda em Byron Bay, na Austrália (04/10/2015).





CAPÍTULO 3





De 20 a 30 minutos. A duração das apresentações da Banda ARS gira em torno desse curto período de tempo. Geralmente o repertório conta com oito músicas, entre autorais e *covers*. A depender do evento, a *setlist* pode ser reduzida por conta do tempo de palco, normalmente dividido com outras bandas durante os festivais. Mas é como disse o próprio vocalista da banda — Micael Belo — durante apresentação realizada no Festival Cabeçada, em 1 de julho de 2018, “é rapidinho, mas é intenso!”.

Intenso e enérgico. 30 minutos parecem ser pouco para a duração de uma apresentação musical, mas acaba por ser tempo suficiente para muitas coisas acontecerem num show da ARS.

Durante a entrevista que concedeu para a produção deste livro, Micael afirma que “a ARS toca o som da praia”. Se o som é da praia, o público é o mar e as suas ondas. E não importa se a maré está baixa ou alta, as ondas sempre transportam energia. Para surfar nessa onda, é só pegar a prancha de *bodyboard* e pular na água. Ou melhor, no público. O palco? É como a crista, exatamente o ponto mais alto. Os tubarões não representam ameaça a ninguém e nadam tranquilamente naquele mar de gente. Afinal, eles são infláveis, mas estão lá.

Para além do sonoro, nos shows, o imagético também é bastante singular. Os tubarões e as pranchas são apenas alguns elementos

que chamam atenção por compor o projeto visual “praiano” da banda e divertir o público. As vestimentas também são destaques: bermudas floridas ou estampadas, colares à la Havaí, com ou sem camisetas, e até um macacão de neoprene — roupa feita de um polímero especial utilizada por surfistas.

Cartazes com as letras das músicas e até mesmo uma boneca inflável entram no espetáculo. A boneca que tem o nome de “Mãe do Willian” é assim chamada em alusão à música homônima e que é recorrente no repertório da banda. A canção é uma composição do primeiro EP intitulado *Amigos, Rock & Surf*.

“

[O show da ARS que tem de 20 a 30 minutos] é rapidinho, mas é intenso!”

Micael Belo, vocalista e guitarrista da ARS

A música que normalmente inicia os agitos do público é *Misirlou* — uma famosa melodia grega composta em 1927 por Michalis Patrinos e regravada por vários artistas, sen-



do a versão de Dick Dale a mais famosa. Para abrir a pasta das autorais, *Filhos do Dragão do Mar* ou *Mar Cresceu: É Bodyboarding*. Seguidas de *Morena*, *Mãe do Willian*, *Entorpe-*

cida e Poluição, não necessariamente nessa ordem. E para encerrar, *Primavera*.

Para Jessé Filho, a “crista da onda” o leva para outra dimensão. “Quando eu estou no

“

Quando eu estou no palco, é como se eu fosse outra pessoa e estivesse vivendo noutro mundo”

Jessé Filho, baixista da ARS

palco, é como se eu fosse outra pessoa e estivesse vivendo noutro mundo”, afirma.

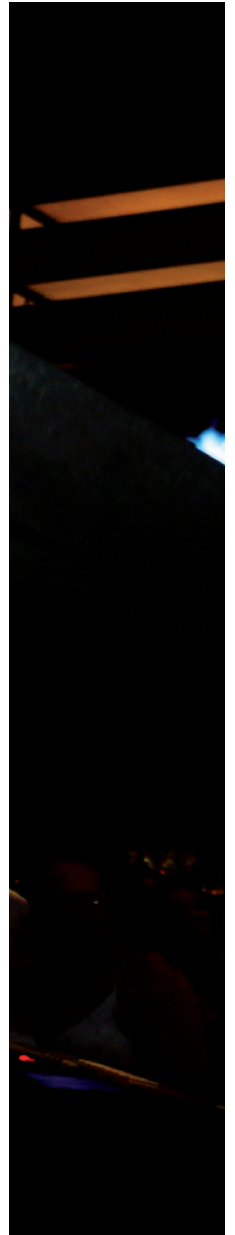
A ambientação é ora aberta, ora fechada. À luz do sol ou sob o reflexo da lua. Em algumas ocasiões à beira-mar, com o som da maré intensificando o “som da praia” instrumentalizado pela banda. Independentemente da circunstância e do local, a ARS propõe levar a música a situações diferentes, ocasionando tipos de apresentações que resultam diretamente numa reinvenção constante da banda.

Depois de 30 minutos, o sal transborda da pele — não o sal do mar, mas o do suor que banha o corpo do grupo de pessoas que acompanha avidamente o show. Surfar nas ondas da plateia tem dessas. Já surfar nas ondas mecânicas com o som da ARS “faz valer a breve existência que é concedida nesse plano”, como diz a própria canção *Entorpecida*.

Apresentação realizada no
Festival Cabeçada, no
Órbita Bar (01/07/2018).







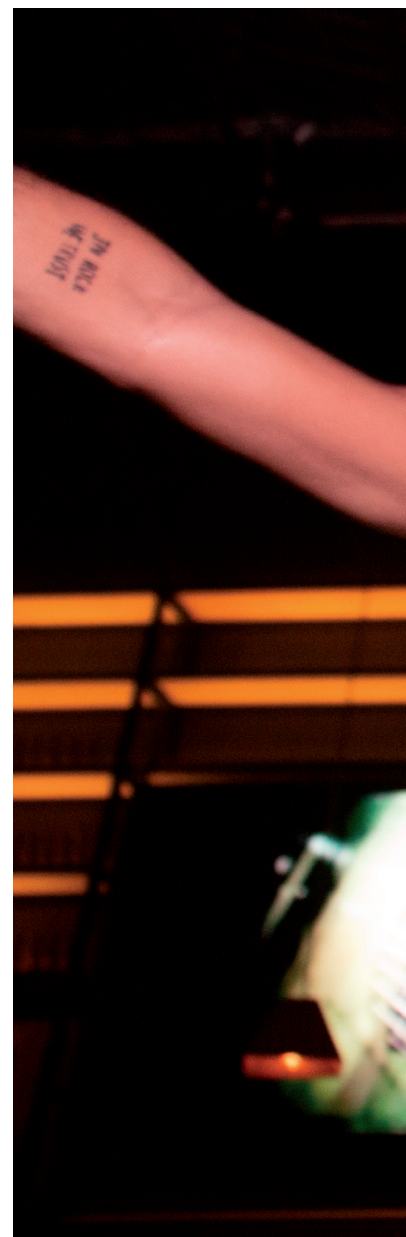






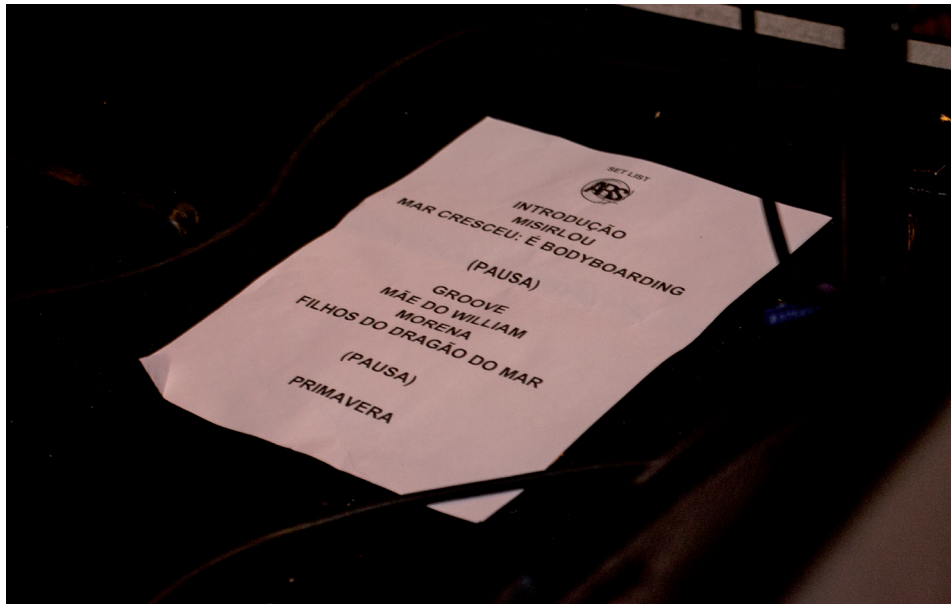


Antes do fim do show, Micael pegou o *bodyboard* e pulou na galera (01/07/2018).











Apresentação durante o Garage Sounds, na Praça Verde. À direita, Mícael e Diego ao fundo. À esquerda, Jessé e Caio (08/07/2017).



Ao término do show, os quatro mostraram a bandeira com o símbolo da ARS para o público (08/07/2017).



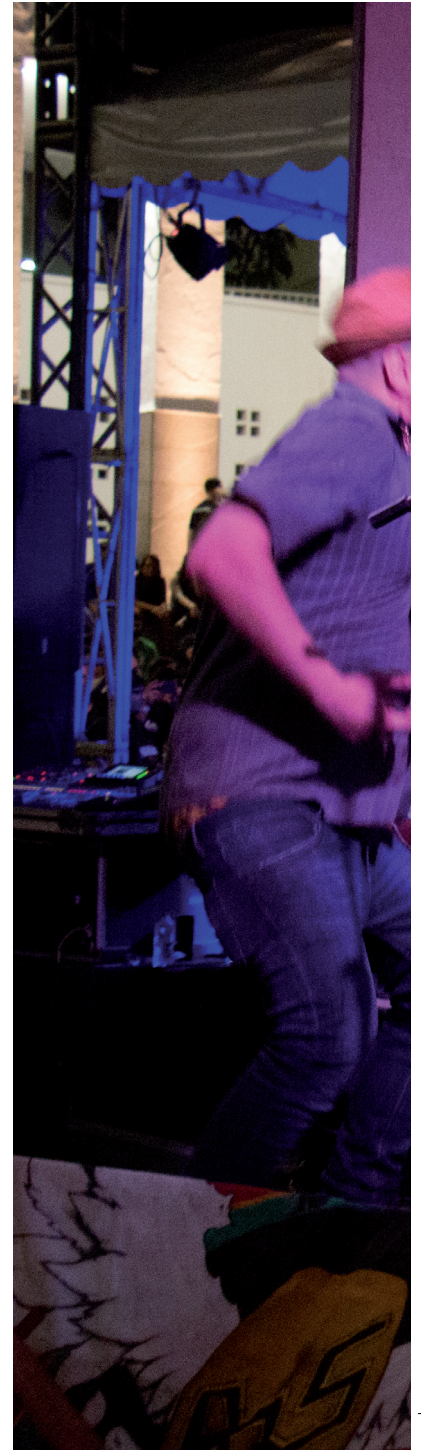






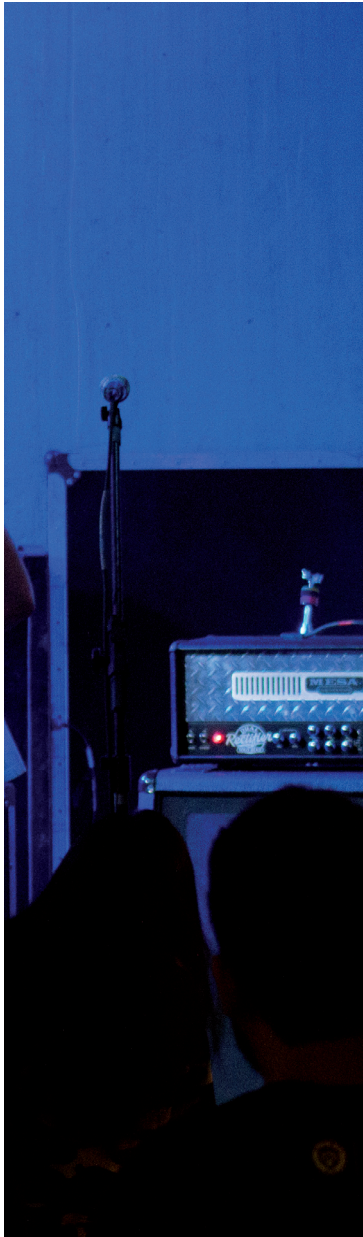


Acima, a guitarra modelo *Les Paul* utilizada por Micael durante o show. À direita, o vocalista da banda *Boibendi* Bruno Lucas Camilo (com o chapéu amarronzado) subiu ao palco com a ARS (08/072017).















Um fã "surfa" nas ondas do público na Final do Curto Circuito, no Órbita Bar (06/11/2015).











Após a saída de Caio Vitor, o primeiro show da banda foi no Create Sarau Artístico, realizado na Praia do Cumbuco. Wladimir Filho foi convidado para assumir o posto durante a apresentação (09/09/2018).



Jessé Filho, Diego Xavier, Micael Belo e Wladimir Filho
após o show no Cumbuco (09/09/2018).







Nesta entrevista realizada numa noite de sexta-feira na quadra do Centro Esportivo Universitário (CEU) da Universidade Federal do Ceará (UFC), ademais de falar sobre as rotinas produtivas pessoais e a relação com a música, Micael Belo explica as nuances por trás das canções da ARS e fala sobre os bastidores da banda.

■ **Saulo Oliveira:** O que costuma inspirar as composições das músicas da ARS?

■ **Micael Belo:** Tem vezes em que eu estou em casa e surge uma música. Às vezes eu estou no trabalho e surge uma música. Noutra ocasião eu estou surfando e surge uma música. O processo de composição vem de uma forma muito intuitiva e natural. Eu considero um tanto autobiográfico e fala da cidade porque é o que eu vivo, é o que eu gosto. Uma das principais coisas que as nossas músicas falam é da positividade, do contato com a natureza, de uma relação de energia e de troca com a cidade. Surge de uma forma natural porque eu me sinto uma pessoa positiva. Eu sou muito apaixonado por Fortaleza, por essas praias, e as músicas acabam falando muito disso. Da cidade, da praia, do mar, coisas que fazem parte dessas minhas paixões.

■ **SO:** Então é um processo individual que passa exclusivamente por você?

■ **MB:** Não, não. Geralmente as músicas vêm de um processo coletivo. Às vezes faço um refrão e mostro pros demais e de lá surge o restante da música. Ou então chego com a música pronta e quando passa pelas ideias dos outros membros acaba mudando. Outras vezes, os demais integrantes vêm com uma parte pronta e eu insiro a minha visão na música. O processo sempre foi muito aberto para todo mundo. E como todo mundo sem-



Dentro desse passeio [por muitos estilos] nós nos denominamos uma banda de ‘surf rock nordestino’”

Micael Belo, vocalista e guitarrista da ARS

pre esteve muito conectado, sempre foi algo fluído.

■ **SO:** A Banda ARS tem uma conexão muito forte com o surfê e com a praia. Pode-se dizer que vocês são uma banda de *surf music*?

■ **MB:** Na verdade, a gente passeia por muitos estilos. Dentro desse passeio nós nos denominamos uma banda de “surf rock nordestino”. Nós temos influências do *surf music*, do reggae, tem *hardcore*, tem *new metal*... No fim das contas, a gente toca o som da praia, o que a galera da praia e do surfe está escutando. E eu acho que por nós sermos nordestinos, a gente acaba tendo referências do que a gente escuta desde criança. Isso acabou indo parar nas nossas músicas e virou uma identidade nossa. Essa pegada nordestina, meio baião, meio xote, uma referência de Luiz Gonzaga, de Fagner... Tem uma série de músicas que todo cearense acaba escutando e isso de forma natural se reflete nas nossas músicas.

■ **SO:** A ARS já possui dois EPs lançados e está trabalhando no primeiro álbum. As gravações são fruto de investimento econômico da própria banda ou houve a participação em algum edital?

■ **MB:** O primeiro EP saiu completamente do nosso bolso. Quando a gente começou a produzir o segundo EP, já rolavam alguns shows com cachê. Shows pra Prefeitura, alguns particulares, calouradas universitárias... Então, o segundo já saiu um pouco do dinheiro da banda. Claro que também teve investimento nosso, mas a banda já estava entrando num perí-

odo de se sustentar sozinha, de andar com as próprias pernas. E após o lançamento do segundo EP, a gente ganhou uma projeção maior na cidade. Acabamos ficando conhecidos nas casas de shows. A gente se profissionalizou. Amadureceu como músico, como gestores da própria banda, e isso facilitou de estarmos participando de editais, de concursos maiores, de estar tocando em casas de shows maiores. Em 2015, a gente ganhou o primeiro concurso de bandas autorais do Órbita Bar [no Festival Curto Circuito] e a premiação era a gravação de um álbum, e é com essa premiação que nós vamos gravar o nosso primeiro disco.

■ **SO:** E após o lançamento desse disco, quais são os planos futuros para a banda?

■ **MB:** Existe a possibilidade de este ser o nosso primeiro e único álbum. Hoje nós vivemos numa era de *singles*, de música todo mês, de produção intensa... Quem sabe a partir desse disco nós começemos a trabalhar com *singles* ou então lançar uma série de *singles* e transformá-los em um CD... O mercado exige que você seja mais fluído, mais rápido, que se tenha uma maior capacidade produtiva, e eu acho que essa pode ser nossa nova forma de trabalho. Nós também vamos manter dois formatos de shows: um plugado, com guitarra e distorção, e outro acústico.

